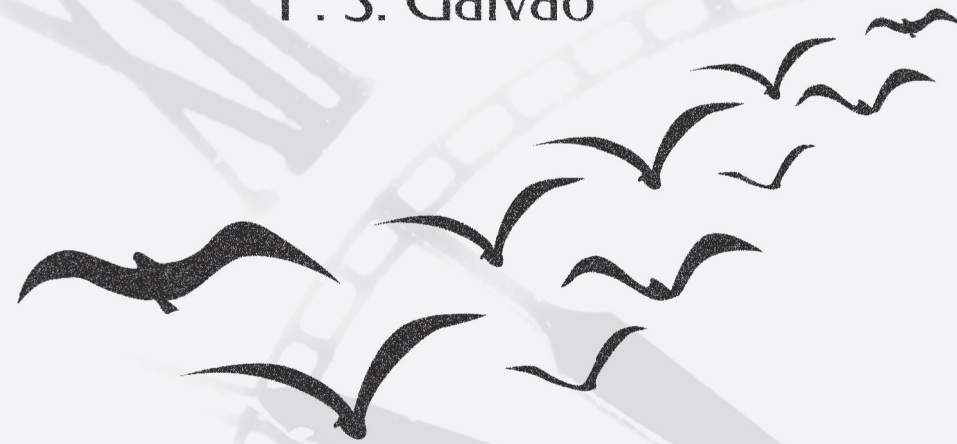


# Jonas

sonhos e descobertas



F. S. Galvão



# Jonas

sonhos e descobertas



## PRÓLOGO



*Meu querido Jonas, cada reencontro, nesta vida, não deixa de ser também uma espécie de despedida. Acho que já lhe falei isso outras vezes. Cada dia é um pequeno adeus àqueles que amamos. Cada momento é sempre o último, pois nunca sabemos se haverá chance para outro abraço, outro conselho ou para o “eu te amo”. A morte está sempre à espreita. Para nos intimidar? Acho que não! Mas para nos ensinar que a urgência do viver é agora. Ah, meu filho amado, tudo é tão rápido e tão incerto nesta vida! Por isso mesmo, todos esses anos fiz questão de abraçá-lo em cada manhã e beijá-lo todas as noites antes de dormir. Isso me dá certo consolo nesta hora difícil. Se você estivesse aqui agora, aposto que diria “você não está triste?”. Não, eu não estou triste! Apesar do fim, me sinto tranquila-*

mente em paz. Isso mesmo! Eu sei, você, às vezes, achava que essa história de morrer era coisa da minha cabeça. Mas não! Sinceramente, eu sempre pressenti que a morte chegaria na hora mais incerta e que eu poderia não ter por perto as pessoas que mais amei na vida. Dito e feito! Tentei me preparar para a partida, juro que tentei! Depois eu vi que não dá pra viver em paz o agora quando se tenta antecipar o amanhã das coisas. Ah! Mas como dói desaparecer e dizer adeus às pessoas que amamos e às coisas que julgamos essenciais em nossa vida. Não fomos treinados para a morte, embora, sem perceber, cada um de nós vá morrendo aos poucos todos os dias. A criança, o jovem, o velho... Felizmente todos têm sua hora de partir! Alguns mais cedo, outros mais tarde. Que importa! Cada um teve seu minuto de chance. Tem uma coisa nesta vida que é comum a todas as idades, e que não deveria nos assustar, o fato de ninguém saber a hora definitiva do último adeus. Mas eu sempre preferi não saber, pra poder viver cada dia com um pouco mais de intensidade. E vivi! Sabe, filho, eu não me arrependo de nada. Penso que só há dois tipos de pessoas que lamentam quando chega o fim: as que desperdiçaram o tempo com sonhos banais e aquelas que deixaram de amar por insegurança ou medo de sofrer. Mas, como já lhe disse, eu amei muito nessa vida. Também sofri, e não poucas vezes. Mas isso não é coisa que se lamenta, afinal, a dor é eterna companheira dos que se arriscam às aventuras do amor. O amor muda a gente, e cada mudança traz sempre um pouco de dor. Quanto ao tempo, não acho que tenha perdido al-

guma vez. Talvez aquele tempo que a gente acha que perde entre um recomeço e outro não seja perda, mas ganho. Às vezes, é preciso aprender a perder algumas coisas, para adquirir outras mais adiante. Esse é um exercício para toda a vida. Temos de aprender a desacelerar. É na pausa que a vida se refaz dentro da gente. É quando aprendemos o valor dos erros e das incertezas. Há momentos em que é preciso aprender a perder um pouco de tempo, para ganhar um pouco mais de vida. Desde pequena sempre ouvi dizer que a vida é breve. Hoje eu acho que não! A gente é que, muitas vezes, não sabe aproveitar o tempo que a vida nos oferece. Engraçado... Nem mesmo agora, quando já sinto o cheiro da morte, não consigo achar que minha vida foi curta. Não ser eterno pode gerar em algumas pessoas certo desespero. A gente quer sempre ser lembrado. Não faça nada para ser lembrado, meu filho, faça pelo compromisso que você tem com a vida, com o amor. Um dia você vai entender porque o tempo sempre foi tão importante pra mim. Lembra-se daquele dia no jardim? “Vó, como que a senhora diz pra eu não perder tempo, e você perde tanto tempo conversando com as plantas?” Você se recorda da minha resposta? “Eu estou é ganhando tempo, filho!” E você disse, cruzando os braços: “Vó, não entendi nada!”. Ganha tempo quem faz por amor, e quem ama não pode ter pressa diante da criatura amada, ainda que seja uma planta. Só perde tempo quem não tem tempo para o amor. Talvez este seja o segredo: perder tempo. Saber gastar o tempo apenas com o essencial, com o que nos causa sentido. Sabe, filho, chega

*certa altura da vida em que a gente gostaria de poder pedir um pouquinho de tempo emprestado, como aquela segunda chance que os amantes se dão quando chegam as primeiras crises. Mas percebemos que isso não é possível. Aliás, continuo achando que cada pessoa recebe sua porçãozinha suficiente de tempo no começo da vida, para aprender a gastá-la bem até o fim. Foi o que tentei fazer todos esses anos. Gastar a porção de tempo que me coube. Sempre fiz questão de dizer-lhe quanto sentido você acrescentou à minha vida talvez seja por isso que me sinto tão forte agora, mesmo na sua ausência. Por favor, não lamente por não estar comigo nesta hora. Já nos despedimos. Fizemos isso todos os dias. Guarde na lembrança nosso último abraço e o último beijo. Ah! E não esqueça o último conselho: os sonhadores devem seguir o exemplo dos pássaros que não sabem voar sozinhos, como os cisnes e as gaivotas, que voam sempre mais longe quando estão em bando. Jonas, eu sei que desta vez eu não tornarei a contemplar o sol batendo nas cortinas da janela do quarto, nem voltarei a alimentar os sonhos das minhas crianças. Deixo tudo isso com saudades, mas sem lamentar. Eu tive meu tempo e aproveitei-o ao máximo. Agora é sua vez. Dê importância a cada segundo e não desperdice sua porção de tempo. Faça isso, mas sem desprezar o valor da pausa. Que a pressa não lhe impeça de contemplar o belo em cada coisa, em cada experiência. Eu vi você crescer, eu tive tempo de ajudá-lo a descobrir suas qualidades e sonhos. O que posso ainda querer? Que você seja realizado nessa vida. Apenas isso! Por fim, espe-*

*ro ter obtido bom êxito na missão de entregá-lo “pronto” para encarar esse mundo tão perverso e cheio de contradições. Jonas, nunca se esqueça daquela nossa conversa no Chalé: sonhar apesar de tudo. Amar e crer apesar de tudo. São essas coisas que dão sabor e sentido à nossa existência.*

*Com o amor de sempre,  
a avó mais feliz do mundo,  
Clara Helenna*

# CAPÍTULO I



## O silêncio entre a dor e a ausência

---

O silêncio entre a dor e a ausência

– É, MEU AMIGO JEAN, A VIDA SEM AS PESSOAS que a gente ama parece que perde todo o sentido. Sei lá... É como se algo dentro da gente morresse junto, entende? Parece estranho, mas é verdade – disse Jonas, triste e cabisbaixo, dobrando a carta de despedida de sua avó. – Fica um vazio no peito da gente que nada é capaz de preencher. Mas, por que, cara? Justo no dia daquele bendito passeio!

Jonas sentia-se culpado por não estar presente na hora da partida de sua avó.

– Eu te entendo, Jonas! Mas não adianta lamentar agora. Como diz minha mãe, a morte é como aquela amiga que sempre chega de surpresa – disse ele fazendo um leve gesto com a cabeça.

– É, talvez tenha algum sentido nisso tudo... Não sei, espero um dia entender.

– Eu sei, cara, que não deve ser nada fácil perder uma pessoa importante. Eu nunca passei por isso, mas até hoje

eu vejo minha mãe chorar a morte do meu avô. Eu não o conheci, mas eu sei que eles se gostavam muito. Uma vez eu vi minha mãe tentando disfarçar as lágrimas, então lhe perguntei por que chorava se já fazia tanto tempo que meu avô tinha morrido. Ela me disse que a dor da saudade a gente nunca supera, apenas aprende a conviver com ela.

– Eu sei... Vai ser difícil suportar a ausência da pessoa que eu mais amei na vida – disse Jonas numa respiração profunda. – Sabe, Jean, minha avó não foi só uma avó pra mim, ela foi minha mãe, meu pai, minha primeira professora. Ela foi tudo! Com ela eu aprendi que a vida começa a ter sentido quando encontramos um ideal pelo qual possamos entregar realmente tudo o que somos e o que sonhamos. Sem isso, tudo vira peso e não há felicidade.

– Então, meu amigo, agora é a hora de usar tudo isso que ela te ensinou. Você não acha? – indagou o menino que, de tal sabedoria, superava seus doze anos de idade.

– Sim, é verdade! Você tem razão. Eu vou tentar.

– Fica triste não, meu amigo! O tempo não cura, mas ajuda a entender algumas perdas – disse Jean, citando as palavras que ouviu de sua mãe. – Sabe, Jonas, toda vez que minha mãe ficava assim meio triste, ela me pedia um abraço. Segundo ela, abraços curam mais que remédio. E parece ser verdade! Era um gesto simples, mas sempre funcionava – disse o garoto, ficando de pé na frente de Jonas, como quem quisesse repetir o gesto.

– Jean! Jonas! Venham, o café já tá pronto! – gritava Nina lá da cozinha, interrompendo a emoção do abraço. Jonas passou a mão na cabeça de Jean e esboçou um forçado sorriso.

– Jean Claive Avelino de Almeida! Ficou surdo, foi? – insistia a mãe, que não gostava de ser contrariada.

– Calma, mãe, já vamos! Jonas, você não vai tomar café?

– Não, não! Estou sem fome. Pode ir, vou ficar mais um pouco aqui fora.

Sentado no canto da calçada do imenso casarão, Jonas observava o jardim e as roseiras preferidas de sua avó.

– Mãe, Jonas não quer vir tomar café.

– Deixa, meu filho, ele precisa de tempo pra sofrer sua dor. Ainda tá muito recente, e é normal querer ficar sozinho. Sei muito bem como é isso! – disse Nina, lembrando-se de seu querido pai. – É, meu filho, Jonas vai sentir muita falta dela. Justo agora que ele acabou de completar seus 18 anos – e num suspiro profundo, exclamou: – E quem não vai sentir saudade de Dona Clara, né, meu filho. Quem? – e olhando pela janela que dava para o sítio, observou que até os passarinhos amanheceram tristes, pois não se ouvia um só barulho.

– Mãe, e agora, não vai mais ter contação de história, né?

– Não, filho, não vai. As crianças sentirão muita falta!

Dona Clara foi professora de literatura durante muitos anos, e, depois que se aposentou, passou a dedicar-se

àquilo que ela mais gostava de fazer: contar histórias para as crianças. Ela mandou construir, ao lado de casa, um espaço só para contação de histórias. Dona Clara o batizou de “Chalé da Memória”, em referência ao título de um livro que ela havia lido e do qual gostara muito. Nas paredes, ela mandou pintar dezenas de personagens de histórias, mitos e lendas mais populares, comprou centenas de livros infantis, estantes, mesas, cadeiras e tapetes coloridos para ornamentar o espaço. Foi ali que Dona Clara viveu os momentos mais alegres de sua vida. “Com vocês me sinto completa”, dizia ela para as crianças. Todas as tardes de domingo, o “Chalé da Memória” ficava lotado de meninas e meninos, a maioria vindos dos sítios vizinhos. As crianças ficavam encantadas com aquele lugar e com as histórias que ouviam. O jeito com que Dona Clara contava as histórias era tão real e encantador que até os pais das crianças paravam para ouvi-la.

– Quando acabar de tomar seu café, pegue seu material e vá estudar no Chalé, certo? – ordenou Nina.

– E eu não vou pra aula hoje de novo, mãe?

– Não, não vai! Do jeito que Jonas ainda tá abatido, você acha que ele tem cabeça pra estudar?

– Mas bem que eu podia ir sozinho na bicicleta, né! – propôs Jean.

– Como é que é, Jean Claive? Ir sozinho de bicicleta? – questionou a mãe do garoto, se aproximando.

– Quantas vezes eu vou ter que dizer que a ladeira é perigosa e que você não vai pra escola sem o Jonas, hein? Você está me entendendo? E ai de você se me desobedecer!

A chácara Santa Clara ficava a cerca de dois quilômetros e meio da cidade, e Nina não confiava em deixar o filho ir para a escola sem a companhia de Jonas.

Enquanto isso, Jonas estava à beira do lago, sentado num banquinho de madeira, ao lado de seu amigo Byron, o cachorro que sua avó havia lhe dado de presente em um dos aniversários. Nina interrompeu.

– Oi, Jonas, tome, fiz essa vitamina pra você.

– Estou sem fome, Nina, obrigado!

– Nada disso, vai ter que tomar! O que Dona Clara mais me pediu foi pra cuidar de você. E eu não vou desobedecer minha patroa, ou melhor, minha grande amiga.

Jonas pegou o copo de vitamina e começou a tomar aos poucos.

– Nina, sabia que você se parece muito com ela?

– Com quem? Com Dona Clara?

– Sim, acho que sua bondade, seu jeito de encarar a vida, está sempre alegre!

– Pois é, Jonas, “quem vê cara num vê coração” – disse ela, sentando-se ao lado de Jonas. – Sabe, Jonas, eu sei que a gente não deve antecipar a dor, mas a morte de Dona Clara me fez pensar muito na vida e também no futuro! Eu vejo



você aqui passando por tudo isso e fico pensando quando for a minha vez. Como será que o Jean vai encarar minha ausência?

– Não, Nina, pare de pensar nisso! Já basta o que estamos vivendo.

– Você tá certo. Temos que viver o agora, ainda que nem sempre seja o melhor. Quando tentamos antecipar os sofrimentos e experiências, deixamos de aproveitar as novidades da vida presente, né?

– Sim, é isso mesmo! Sofrer por antecipação é passar duas vezes pela mesma dor. Eu sei que, às vezes, caímos na tentação de querer fugir do sofrimento presente, mas isso parece que só piora as coisas.

– É, o melhor caminho, embora não seja o mais fácil, é viver cada alegria, cada sofrimento sem fingir a realidade. Acho que quando fugimos da dor, de alguma forma, parece que nos tornamos mais frágeis e inseguros – disse Nina com a mesma sabedoria de Dona Clara.

– Obrigado, Nina, pela força! – disse ele olhando em seus olhos.

– Jonas, telefone pra você! É a Dona Amélia! – gritou Jean.

– Já vou!

– Oi, meu querido! – saudou-lhe carinhosamente a diretora, do outro lado da linha. – Meus sentimentos, mais uma vez! Na verdade, estou ligando pra dizer que você pode

ficar o tempo que quiser. Não se preocupe quanto às faltas. Eu já conversei com os professores. Não tenha pressa de voltar às aulas; suas notas, como sempre, foram ótimas.

– Tudo bem, obrigado, Dona Amélia! – respondeu Jonas, com voz baixa e pouca expressão.

– Ah, estou ligando também pra dizer que a noite cultural foi linda, maravilhosa. Obrigada por tudo! A secretária e a primeira-dama estiveram presentes e elogiaram muito a festa. Eu disse que foi tudo ideia sua. A doutora Beatriz perguntou por você – houve uma pequena pausa, a diretora esperava por alguma reação, mas Jonas era só silêncio. – Você faz falta, sabia? – disse ela, empolgada, tentando roubar-lhe algum sorriso.

– Tudo bem, eu agradeço muito sua gentileza. Obrigado!

## CAPÍTULO II



### A vida se refaz nas relações

---

NO DIA SEGUINTE, JONAS LEVANTOU MAIS cedo e decidiu ler pela segunda vez o livro que ganhara de sua avó no último aniversário. Jonas pegou o livro que estava sobre a mesa de cabeceira e foi para o “Chalé da Memória”. Quando abriu as cortinas da janela, viu cair um envelope.

– Uma carta? – era um envelope branco que estava pendurado entre as venezianas. No canto superior do envelope, Jonas observou três pequenas flores coloridas pintadas à mão. Ele não teve mais dúvidas de quem seria o remetente. Jean e Nina ainda dormiam.

Na parte de trás do envelope, uma frase com letras arredondadas: “PARA O NETO MAIS LINDO DO MUNDO”. Ele não conseguiu conter a emoção. Numa folha de caderno meio amarelada, em frente e verso, estavam escritas as seguintes palavras:

*Jonas, meu querido, eu não sei quando nem como você vai ter acesso a estas palavras, mas, se um dia elas chegarem*

*até você, espero que faça bom uso delas. Não são regras, são apenas conselhos de uma velha que o amou mais que tudo nesta vida. Sabe aquelas vezes em que você entrava na biblioteca correndo e eu tentava disfarçar o que estava fazendo? Então! Aqui está a resposta. Escrevia cartas pra você! Eu sabia que um dia a gente iria se separar, e que poderia não ser fácil pra você entender os mistérios desta vida. Mas eu gostaria tanto de continuar cuidando de você! Porque sei que o mundo, às vezes, é tão perverso... E é preciso estar preparado para enfrentá-lo! Sabe, filho, eu estou chorando agora, mas não é de tristeza, acho que é de saudade. Uma saudade que ainda nem existe de fato... Engraçado isso, enquanto você corre ao redor da casa e celebra a vida, eu aqui me preocupando com a morte que ainda nem sei em que trajeto do caminho está. Eu recomendei à Nina que continuasse cuidando de você quando eu partisse. E sei que ela fará isso com muito amor. Quero que se lembre sempre de uma coisa: o mundo é, às vezes, cruel e cheio de desafios, dê sempre o melhor de si para transformá-lo; seja livre, mas seja responsável em suas escolhas; lute pelos ideais em que você acredita, e recomece quantas vezes forem necessárias; ame e se apaixone, mas nunca perca a razão nem a esperança de novos amores; nem todas as experiências desta vida são boas, mas todas elas podem nos transformar no melhor que podemos ser; seja líder e sonhador (isso você sempre foi), mas nunca sonhe sozinho. A vida só tem sentido, meu querido, quando a gente descobre um ideal pelo qual possamos depositar realmente tudo o que somos*

*e o que sonhamos ser. Hoje, quando penso naqueles sonhos que tentei realizar sozinha, vejo que nenhum deles valeu a pena. Não houve frutos. Sonhos só dão frutos duradouros quando partilhados e vividos em comum com outras pessoas. Enquanto insistirmos no caminho do egoísmo, cada um brigando por um lugar no mundo, jamais seremos felizes. Por isso, meu neto querido, tenha coragem de sonhar diferente. Podemos cultivar vários pequenos ideais na vida, mas chega um momento em que é preciso perguntar-se: qual o meu sonho maior? Se esquecermos de fazer essa pergunta, é bem provável que passaremos pelos muitos sonhos sem nos dar conta de que nenhum foi nosso de verdade. Não desista da vida, meu anjo, não desista de si mesmo! Um beijo no coração.*

*Com o amor de sempre, Clara Helenna*

Emocionado, após ler a carta, Jonas sentou-se no baú de madeira que sua avó usava para contar suas histórias. As lembranças vieram à tona e ele começou a chorar. Foi a primeira vez que ele chorou a morte de Dona Clara. Até então, ele vivia introspectivo e silencioso. Jonas voltou a ler as últimas palavras da carta. O sol se refletia na janela quando Jonas escutou alguém bater na porta. Ele escondeu a carta rapidamente.

– Jonas, que cara é essa? Parece que acordou mais feliz!  
– observou Jean.

– É, eu estou feliz mesmo. É que não adianta ficar triste. A vida continua, não é mesmo? Mas diz lá, o que você quer?



– Já que você acordou mais alegre, a gente vai pra escola hoje?

– Ah, sim, claro que vamos!

– Oba, oba! – Jean comemorou.

– Mas iremos a pé, certo?

– A pé? Por quê?

– É que a bicicleta tá com o pneu baixo! – afirma Jonas.

– Mas que mentira! Eu acabei de olhar o pneu e tá normal – disse Jean, percebendo que era só uma brincadeira de Jonas.

– Venham, meninos, o café tá pronto! – Nina interrompeu a conversa dos dois. – Nossa, Jonas, que bom ver você mais contente hoje! Aconteceu alguma coisa especial?

– Não, não, está tudo bem! É que eu percebi que a vó se foi, mas continua viva dentro de mim, e isso é o que importa daqui pra frente! – afirmou Jonas com entusiasmo.

– Hum, que interessante! Muito bom te ver assim – disse Nina, contagiada pela alegria de Jonas. – Sabe, Jonas, você tá certo. A gente não deve ficar triste a vida toda e esperar que o tempo resolva tudo. Uma vez Dona Clara me disse que o tempo é mestre em esconder nossas feridas...

– Mas só Deus pode curá-las – completou Jonas. – Vovó gostava de repetir essa frase.

– Ela nos ensinou tantas coisas boas, e eu acho que ela não iria gostar nadinha de ver a gente triste!

– Eu concordo, Nina – Jonas deu-lhe um beijo no rosto e saiu para trocar de roupa.

– Vamos Jonas, senão chegaremos atrasados.

– Tchau, mãe!

– Boa aula, filho! Cuidado com a ladeira, Jonas, não corra demais!

Lá pelo meio do caminho, Jean fez uma proposta:

– Se você se cansar, eu o levo, tá?

– Nada disso! – respondeu Jonas. – Quem disse que eu vou me cansar, espertinho? Os dois começam a rir e Jonas cantou o refrão da música que sua vó mais gostava:

*Eu queria ter na vida simplesmente  
um lugar de mato verde  
pra plantar e pra colher  
ter uma casinha branca de varanda  
um quintal e uma janela  
para ver o sol nascer*

– Nossa, que música feia é essa, Jonas? – interrogou Jean muito espontâneo. Mas Jonas desconversou.

– Segura aí, que hoje vou descer a ladeira sem freio!

– Pode descer até voando que não tenho medo! – respondeu Jean.

– Ele está vindo, Dona Amélia, ele está vindo! – dizia o porteiro da escola.

Na sala, todos se uniam para preparar uma surpresa improvisada.

– Bom dia, seu Pedro!

– Bom dia, Jonas, seja bem-vindo!

Percebendo a porta da sala fechada, Jonas perguntou:

– Eu sou o primeiro a chegar, seu Pedro? Achei que estivesse atrasado!

Jonas entra naturalmente e sem desconfiar de nada.

– Dá licença, professora!

– VIVA O JONAS! VIVA! – todos fizeram aquela festa e lhe deram um abraço coletivo. No centro da sala, uma mesa coberta com uma toalha de renda, com alguns refrigerantes e um bolo de abacaxi com laranja, o preferido de Jonas.

Jonas estava prestes a passar o cargo de líder do grêmio para outra pessoa, então a diretora da escola aproveitou o momento para agradecer pelo apoio nos eventos da escola durante os três anos em que esteve à frente do grêmio.

– Jonas, seja muito bem-vindo! Pode ter certeza de que você fez muita falta durante esses dias em que esteve ausente. Mas todos nós sofremos junto com você a perda de sua avó. Queremos que a escola continue sendo, nestes poucos meses de aula, sua segunda casa, onde você possa encontrar não só colegas, mas verdadeiros amigos.

– É isso aí! Muito bem, festinha para o nosso líder! – disse Ademir, em tom de ironia. Além de ter dificuldade para se integrar à turma, ele sempre chegava atrasado às aulas.

– Por favor, Ademir, não venha estragar mais um momento! – respondeu Bárbara, defendendo Jonas.

– Por favor, gente, não se preocupem com ele, está tudo bem! – disse Jonas.

Enquanto isso, a diretora chamava Ademir à parte.

Ademir era o único do terceiro ano que nunca se deu muito bem com Jonas. Alguns diziam que era inveja, outros, que tinha problemas na família. Parece que ele não se dava muito bem com o padrasto. Apesar das divergências de ideias, Jonas nunca o excluía nem revidava os insultos; ao contrário, quando tinha oportunidade, tentava inseri-lo no grupo.

– Antes de cortar o bolo, eu quero só agradecer a todos vocês pelo carinho nesse período difícil da minha vida. De verdade, com vocês parece que eu me sinto muito mais vivo, me sinto mais eu mesmo. Valeu, galera! Obrigado, professora, obrigado, Dona Amélia! Estamos juntos novamente e a vida precisa continuar.

A diretora, carinhosamente, deu-lhe um abraço e cochichou em seu ouvido, pedindo:

– Depois da aula, passe na minha sala que tenho uma lembrancinha pra você.

A festa continuou até a hora do intervalo. Ao final da aula, Jonas aproveitou para reunir a turma e combinar os últimos preparativos para a festa de término de curso.

## CAPÍTULO III



### Sobre o amor e outras descobertas

---

– COMO FOI A AULA, FILHO? – PERGUNTOU

Nina, colocando os pratos sobre a mesa.

– Ah, foi bem legal! Na sala de Jonas teve até festa surpresa! – disse Jean, sentado na cadeira com o rosto debruçado sobre a mesa.

– Nossa, que chique, Jonas!

– Pois é, eles me pegaram.

– Mas como eles fizeram festa pra você, se eles não sabiam que você ia voltar hoje? – perguntou Jean, tentando entender.

– Deve ter sido algum passarinho que ligou pra Dona Amélia e contou – disse Jonas, piscando o olho e sorrindo para Jean.

– Vamos comer, meninos, que hoje eu caprichei no bolinho de arroz – disse Nina, fingindo não entender a conversa.

Após o almoço, Jonas dirigiu-se ao “Chalé da Memória”, a fim de continuar a leitura de seu livro, enquanto Jean e Byron começaram a correr e brincar ao redor de casa.

O “Chalé da Memória” era o lugar onde Dona Clara passava a maior parte do dia, às vezes lendo, outras vezes preparando as histórias para contar às crianças. Aquele lugar que um dia fora tão alegre, agora estava silencioso e vazio. Inacreditável! Jonas, pela primeira vez, parou para refletir sobre as palavras de sua avó escritas em letras coloridas na parede do Chalé. O poema se intitulava *Memórias*.

A SAUDADE é a memória do afeto  
A MÚSICA é a memória da alma  
O ABRAÇO é a memória do corpo  
A AMIZADE é a memória que constrói  
O TEMPO é a memória que não espera  
O AMOR é a memória que dá sentido

Jonas recordou também as últimas palavras de sua querida avó, na tarde do último domingo antes de sua morte.

– Atenção, crianças, por favor, não falem no domingo que vem, pois iremos continuar a segunda parte da história...

– Mas não, vovó não teve tempo de revelar o final da história – Jonas disse para si mesmo. – Engraçado, ela nunca deixava o final pra depois, mas naquele domingo, ela resolveu fazer diferente.

As crianças, claro, ficaram muito curiosas e diziam: Tia Clara, eu não vou faltar! Eu também não!”. Ela se despediu

de cada uma com um sorriso e um beijo no rosto. Como sempre, tão afetuosa!

– Ei, Jonas! Abre o olho! Aqui na janela! Vem me ajudar, vai! – Jean tentava subir pela janela; levantou os dois braços para que Jonas o ajudasse a entrar no “Chalé da Memória”.

– Ai! – gritou o menino, assustado com a lapada que recebeu nas costas.

– Bora, desce daí, agora!

– Mãe, a senhora é pior que raio, chega quando a gente menos espera – disse o menino, passando a mão nas costas.

– Se janela fosse feita pra entrar, a casa não precisava de porta – disse Nina com a vassoura na mão.

– Vamos ali, Jonas, quero bater um papo contigo! – disse Jean.

– Bater um papo? Que linguajar é esse, hein, menino? – perguntou a mãe, cutucando Jean com o cabo da vassoura.

Ele correu em direção ao campo.

– Sabe, Jonas, é que eu estava pensando aqui numa coisa – ele faz uma pausa.

Jonas percebeu certo receio em continuar a conversa.

– O que foi, Jean? Pensando em quê mesmo? Vai, cara, pode falar, estamos apenas nós dois – Jonas o encorajou.

– Acho que estou gostando de uma menina na escola – disse Jean com a cabeça baixa.

– E você acha que há algum problema em gostar de alguém?

– Não sei. Minha mãe vai dizer que sou apenas uma criança e que isso tá errado. Eu a conheço! – disse o menino, desanimado. – Será que ela vai dizer isso mesmo?

Jean levantou a cabeça e, olhando nos olhos de seu amigo, perguntou:

– Com quantos anos você começou a namorar?

– Namorar mesmo... Acho que foi com quase dezesseis. Mas o primeiro beijo foi com treze.

– Com treze? E você contou pra sua avó?

– Mas é claro que contei. Apesar da idade, ela sempre foi muito aberta para falar dessas coisas. Mas num foi fácil contar, não. Eu lembro que fiquei com um pouco de medo da reação dela.

– E o que ela disse? – perguntou Jean, curioso.

– Ela olhou bem nos meus olhos e me fez uma pergunta: *Você está com medo da minha reação ou está com vergonha da sua sexualidade?* E me disse ainda que cada pessoa tem seu tempo para suas próprias descobertas. Depois que lhe contei do beijo, sabe o que ela fez?

– O quê?

– Ela me deu um abraço e depois me disse: *Não se preocupe, Jonas, eu já vinha me preparando para esse momento. Obrigado por confiar em mim. Mas não tenha pressa de chamar um beijo de namoro.* Nossa, como aquela conversa me fez bem.

– Pois é! O problema é que minha mãe tem a metade da idade de Dona Clara e tem a cabeça mais fechada que a dela.

– Eu te entendo! Mas, se você perceber que realmente gosta da menina e ela de você, então crie coragem e fale com a Nina. Garanto que será mais fácil do que se ela ficar sabendo por outras pessoas.

– Ô Jean Claive! Jean, cadê você, menino? – gritou Nina com voz estridente.

– Acho melhor você ir, antes que ela resolva vir até aqui – disse Jonas, sorrindo.

– Calma, Dona Nina, já estou indo! – Jean brincou e fez caretas.

– Vai logo e deixa da palhaçada! – Jonas riu da situação e se voltou aos seus pensamentos. Recordou-se de uma das conversas que teve com sua avó sobre o amor.

– *Vó, uma vez a senhora me disse que já amou muito na vida... O que é mesmo o amor?* – perguntou o menino, querendo uma resposta pronta.

– *O amor... – após uma pequena pausa, ela continuou – sabe, filho, por incrível que pareça, o amor ainda é coisa que não sei dizer em palavras. Acho que nem os poetas sabem explicar. Talvez seja mais fácil dizer o que ele não é. Existe uma fase da vida em que achamos que amor é aquele fogo do primeiro olhar, quando duas pessoas se encontram e se olham pela primeira vez, mas eu acho que não! Isso é apenas uma pequena centelha de luz, uma sementinha ainda frágil, entende? Acho que o amor é muito mais! O fogo pequeno, muitas vezes, preci-*



sa ser protegido do vento para que não se apague. Com o amor é a mesma coisa: se não o protegemos com as mãos e o coração, os ventos contrários podem apagá-lo pra sempre de nossa alma.

– Entendi, vó – disse o menino, ainda meio confuso. – Mas o amor poderia ser menos complicado, a senhora não acha?

A senhora sorriu com a espontaneidade de Jonas.

– Também já pensei assim. Hoje vejo que o amor é algo tão simples, e de tão simples parece complicado. Acho que amor mesmo é quando duas pessoas se descobrem juntas, no silêncio e nas lutas de cada dia, um desvendando os mistérios do outro, mas com cuidado e sem pressa! O amor em que eu acredito hoje não tem nada de mágico. Amor verdadeiro exige renúncia e entrega... Depois da adolescência e da juventude, as marcas do amor são diferentes. Amar uma segunda, uma terceira vez, é sempre mais difícil. Às vezes, dói recomeçar. Por isso, acho que amar exige certos sacrifícios, para os quais muitos de nós não estão preparados. Estamos todos em busca de amores prontos. Quanta ilusão, filho! Nunca tive sorte com amores fáceis. Como todos os sonhos que realizamos com muita facilidade, os amores fáceis também não costumam ficar por muito tempo.

– Acho que a senhora anda lendo demais aqueles livros de poesia que meu avô lhe deu.

– Não, eu acho que não! – disse ela, sorrindo. – Aliás, faz tempo que não leio poesia. Os livros são muito úteis em todas as fases e descobertas da vida, mas não nos ensinam tudo. Alguns, inclusive, são mestres em alimentar nossas ilusões. Amor é coisa

muito elevada para se aprender com os livros. A arte do amor, só a vida é quem pode nos ensinar. Mas é preciso coragem para o risco de aprender.

– Vó, e quando eu sei que duas pessoas se amam? Quando passam a morar juntas? Por que a senhora está rindo?

– Do seu coração ainda tão inocente – disse ela, tentando conter o riso. – Com o tempo, filho, a gente descobre que amar é muito mais que dividir o mesmo teto. A grande verdade é que há muitos estranhos morando juntos, pessoas que se amavam, mas, de repente, se tornaram frias e indiferentes uma à outra, no fundo nunca tiveram coragem de abrir as portas do coração para acolher o amor. Você se recorda de minha amiga Dulce?

– Aquela do chapéu pontudo? – disse Jonas, sorrindo.

– Isso, essa mesma! Pobrezinha, nunca foi feliz com o marido. Mas vivem juntos até hoje. Ela me disse que tentaram se separar várias vezes, mas não conseguem.

– Porque eles se amam, né, vó? – afirmou Jonas.

– Aí é que está! Eles vivem um apego quase doentio. Mas não acho que seja amor. Não, amor é sinônimo de liberdade, e os dois estão presos um ao outro.

– Nossa! Isso é tão estranho, você não acha?

– Sim, eu também achava muito estranha a relação deles, mas hoje não! Querido, não podemos julgar quem escolhe viver assim. No começo é escolha, depois passa a ser opção. Mas, às vezes, são tantas circunstâncias que fica difícil para quem está de fora fazer qualquer juízo. Somos amigas há anos e eu

Jonas: sonhos e descobertas

*sei quanto é difícil para os dois. Quando se gosta de algo ou de alguém, não é tão fácil desapegar, ainda mais quando se trata de pessoas. Com um pouco mais de experiência você vai entender isso. No fundo, as pessoas que agem assim estão presas a uma felicidade que não passa de ilusão. Chegam a confundir o apego com afeto. Mas chegará um momento em que descobrirão que perderam o melhor da vida, a liberdade que brota do verdadeiro amor. E tempo e amor são coisas que a gente nunca recupera.*

*– Continuo achando complicado – disse Jonas, encostando a cabeça no peito de sua avó.*

*– Você é muito novo para entender os mistérios do amor, e eu sou muito ousada em querer explicar algo tão humano e tão profundo.*

## CAPÍTULO IV



### Um sonho entre amigos

---



Jonas, meu menino, desde que sua mãe faleceu, eu procurei dar o melhor de mim para que você não sofresse tanto a ausência dela. Talvez tenha errado em agir assim. Eu só queria vê-lo feliz. Mas, que interessante... Você sempre soube superar tão bem os sofrimentos da vida. Você foi sempre tão livre e inteligente. Surpreendeu-me tantas vezes! Lembra-se daquela noite, quando voltávamos da Igreja, em que lhe perguntei o que você queria ser quando crescer? Você me olhou firme e disse: “Eu ainda não sei o que quero ser quando eu crescer, eu só sei o que eu quero ser agora”. Essas suas palavras foram tão importantes pra mim. Fiquei encantada com sua resposta. Você tinha razão. Cada fase da vida tem suas próprias exigências, sonhos e descobertas. Não adianta antecipar nada. Basta ser aquilo que somos no momento presente. Os sonhos de amanhã ainda não existem. O hoje é o que importa para cada um de nós. No fundo eu queria dizer-lhe muitas coisas, mas preferi silenciar e deixar que você continuasse sonhando e acreditando em cada um dos seus sonhos de menino. Alguns ideais perduram a vida toda, outros, a gente precisa deixar de lado para abraçar os mais importantes. Sabe, meu querido,

não há experiência mais gratificante nesta vida que ajudar as pessoas a encontrar seu rumo, seus sonhos. Para isso, precisamos antes encontrar os nossos. Precisamos nos conhecer ao máximo e saber o que nos faz realizados. Sem isso, como iremos ajudar os outros? Sabe, filho, às vezes, acho que tentei lhe ensinar as coisas da vida cedo demais. Mas eu sabia que precisava dar-lhe asas pra que você aprendesse desde pequeno a encarar as dificuldades e os desafios do caminho. Confesso que ficava dividida entre prepará-lo para enfrentar o mundo e protegê-lo dele. Espero que você me compreenda. Jonas, nesta vida, precisamos aprender desde muito cedo a fazer o bem. No final das contas é a única coisa que fica de nós. As fotografias dos momentos alegres, uma hora serão apenas recordações, mas o bem que fazemos durante a vida é coisa que fica pra sempre. Perdoe-me se em algum momento o sufoquei. Eu só quis fazê-lo livre para aprender a viver sem mim. Vovó te ama muito!

Com gratidão eterna, Clara Helenna

Sentado debaixo de uma árvore à beira do campo, Jonas refletia cada palavra da carta e sentia-se cada vez mais motivado a dar um sentido para seu sofrimento e sua saudade. Jonas ainda estava pensando naquela pergunta: “qual o seu sonho maior?”. “Sonhos só dão frutos duradouros quando partilhados com outras pessoas...” Ele foi para a escola com essa inquietação. No intervalo, conversando com os colegas, as coisas iam ficando mais claras em sua cabeça.

– Gente, vocês já pensaram em como vai ser nossa vida depois do terceiro ano? – disse Bárbara, preocupada.

– Como assim? – interpelou Jonas, tentando entender sua inquietação.

– Sim, gente, todo mundo distante e cada um seguindo rumos diferentes, vocês acham que vamos ter tempo para nos encontrar?

– Você tem razão, Bárbara – disse Érika. – Aqui, de certa forma, a escola nos une, mas ano que vem não teremos a escola. Alguns vão fazer faculdade, outros vão trabalhar, outros vão casar e ter filhos...

Jonas interrompeu.

– A não ser que a gente se reúna por um objetivo comum.

– Objetivo comum? Não entendi, Jonas – disse Ademir.

– Vejam só... Aqui estamos sempre juntos, certo? Participamos do grêmio, organizamos as noites culturais, as festas juninas e nos ajudamos em tudo o que for preciso. Temos bastante experiência nisso! E se a gente montasse um projeto nosso? Não seria uma ideia legal? – sugeriu Jonas.

– Projeto? Mas que tipo de projeto? – perguntou Alan.

– Ainda não sei direito como fazer, mas poderia ser na área cultural, já que a cidade não apresenta muitas opções.

– Pronto! Isso mesmo, Jonas! – Bárbara gostou da ideia.

– Hoje, quando chegar em casa, cada um pesquise na internet sobre criação de projetos, e aí a gente partilha as ideias pelo Facebook, pode ser?

O sino tocou e a conversa foi interrompida.

Na volta para casa, Jonas partilhou a ideia com Jean.

– E aí, Jonas, como foi a aula? Teve outra festa? – perguntou Jean em tom de brincadeira.

– Não, não teve festa, mas foi bem legal. Na hora do intervalo me reuni com a galera e falamos sobre projetos. Já que ano que vem não estaremos na escola, estamos querendo montar um projeto cultural.

– Falando em projeto, hoje a professora levou a turma pra conhecer um projeto bem interessante sobre sustentabilidade.

– Ah, foi? Que interessante! – disse Jonas.

– Fomos visitar uma fábrica ecológica.

– Fábrica ecológica? Onde?

– É uma associação dos moradores do Sítio Rancho Novo. O trabalho que eles fazem é bem legal. Eles fazem vassoura, móveis, até luminárias de garrafa pet.

– Nossa, isso é interessante!

– Um dia, se você quiser, podemos ir lá visitar.

Chegando a casa, Jonas mal almoçou e correu para o computador. Ele passou a tarde inteira lendo e pesquisando sobre projetos sociais e culturais.

– Alô!

– Oi, Amanda, aqui é Jonas, tudo bem contigo?

– Tudo ótimo! Quanto tempo, querido! Você não veio mais ao grupo de jovens...

Jonas: sonhos e descobertas

– É verdade. É que é meio perigoso sair de casa à noite.

– Eu entendo perfeitamente. A violência na nossa cidade tá grande! Mas diga lá, o que você deseja?

– Na verdade, eu gostaria de convidá-la para um encontro entre amigos aqui em casa. Como você está se formando em Ciências Sociais, eu pensei que você pudesse contribuir bastante com um projeto que eu e alguns amigos da escola estamos planejando. O que você acha?

– Eu acho uma ótima ideia. Vai me ajudar muito no meu estágio – disse Amanda, animada com o convite.

– Ah, tentei ligar para Gustavo e convidá-lo...

– Gustavo e eu terminamos, Jonas!

– Sério? Nossa, eu não sabia. Então eu tento falar com ele pelo Face ou WhatsApp.

– Mas não se preocupe, terminamos, mas ainda somos amigos. Se você quiser posso ligar pra ele e fazer o convite.

– Claro! Eu agradeço. Resolvemos fazer a reunião no sábado pela manhã, pois a maioria vai viajar à tarde. Tudo bem pra você?

– Sim, claro, pra mim tá OK, é um bom horário. Pode contar comigo! Ah, e obrigado pelo convite!

– Abraços. E até logo!

Jonas ligou para alguns amigos e mandou convite via Facebook para outros. Ele estava bastante animado com a ideia que, aos poucos, ia tomando forma.

## CAPÍTULO V



### Trabalhando em equipe

---



### ESTAVA TUDO PRONTO PARA A REUNIÃO.

Amanda e Gustavo foram os primeiros a chegar.

– Nossa, Jonas, que espaço lindo! – disse Amanda, encantada com o “Chalé da Memória”.

– Foi Dona Clara que mandou construir. Ela era contadora de histórias – explicou Jean, sem ser chamado na conversa.

– Ah, entendi! Você é irmão do Jonas? – perguntou Amanda.

– Mais ou menos! Somos quase irmãos. É que minha mãe mora aqui desde pequena. Então é como se a gente fosse da família. Jonas é meu melhor amigo! – disse Jean, todo orgulhoso.

– Jean, já que você gostou da Amanda, mostra a casa pra ela, enquanto explico a ideia do projeto ao Gustavo!

– Tá, Jonas, pode deixar. Vamos lá, Amanda, vou lhe apresentar a pessoa mais importante pra mim.

Jean a levou até a cozinha.

– Mãe, essa daqui é Amanda, amiga de Jonas e minha nova amiga! – disse ele se sentindo íntimo.

– Prazer, Amanda. Seja bem-vinda! – disse Nina, secando as mãos no avental.

– Obrigada! Seu filho é muito simpático, viu!

– Ele é muito gaiato, isso sim! Vê se cuida bem da moça, viu, Jean!

– Pode deixar, dona Nina, já estou cuidando – piscou pra mãe, enquanto Amanda se distraía com o tamanho do casarão.

– Nossa, que casa grande! Só moram vocês três?

– Não, tem o Byron também! – disse Nina, sorridente.

– Byron é ele – Jean apontou para o cachorro.

– Ah, tá! Toda casa precisa mesmo de um guardião.

– Acho que os outros chegaram – disse Jean, atraído pelo barulho do carro.

Era Diegão, todo feliz em seu Fiat Mille Fire vermelho, trazendo os amigos para a reunião. Alan, Bárbara, Érika, Raul, e, para a surpresa de Jonas, até Ademir aceitaram seu convite. É que os dois nunca se deram muito bem nas atividades do grêmio. Ademir, embora tenha aptidões para liderar, sempre foi visto por alguns como o mandão da turma. Ao contrário de Jonas, que, em vez de mandar alguém fazer algo, primeiro ensinava ou fazia junto.

– Nossa, Amanda, como esse povo todo coube só nesse carrinho? – disse Jean, admirado.

– Se duvidar, ainda tem gente lá dentro – disse ela, sorrindo.

– Valeu, galera, obrigado por terem vindo! Podem entrar. Quem quiser tomar água é só ir à cozinha. Aqueles que ainda não vieram aqui se sintam em casa. – Ademir! Que bom que você aceitou meu convite – disse Jonas, dando-lhe um abraço.

– Confesso que vim um pouco movido pela curiosidade. Mas eu acho que pode ser um projeto interessante!

– Após todos se acomodarem, Jonas iniciou a reunião.

– Então, pessoal, creio que todos já devem conhecer Amanda e Gustavo através redes sociais, mas gostaria de apresentá-los oficialmente a vocês, afinal de contas, nada mais real e humano que conhecer as pessoas pessoalmente, não é mesmo? Então, na verdade, eu os conheci ano passado, no grupo de jovens. Ela estuda Ciências Sociais, e ele, Direito. Estão no último ano, não é isso?

– Sim, sim, isso mesmo! Estamos aí na correria para a conclusão do TCC – disse Amanda com um singelo sorriso.

– Bem, pessoal, antes de entrarmos de fato no projeto, eu proponho que pensemos nas seguintes questões: como vivem, hoje, os adolescentes e os jovens de nossa cidade? Quais os principais problemas sociais por eles enfrentados? E, por último, de que forma a proposta do nosso projeto poderá ajudá-los a superar algumas realidades?

– Posso começar? – Érica levantou a mão. – Olha só, gente, eu não sei como é no bairro onde vocês moram, mas

no meu, eu vejo os jovens muito ociosos; acho que falta perspectiva de vida. Parece que perderam a esperança, sei lá... Inclusive há vários que deixaram de estudar.

– Acho que tem outra questão muito mais grave, que é o envolvimento com drogas – afirmou Diegão. – Certamente tá ligado ao que Érika falou: a questão da falta de sentido mesmo!

– Isso é verdade! Por exemplo, lá onde eu moro, é muito comum encontrar jovens, mesmo durante a semana, nos bares. Até meninos de doze, treze anos bebendo, fumando. Eu já vi muito, e isso é muito triste! – Bárbara não escondia sua tristeza.

– E nessas horas, a gente poderia perguntar: onde estão os pais? Onde estão os órgãos sociais responsáveis? Cadê as políticas públicas? – Jonas questionou.

– Sabe, Jonas, acho que a questão é muito mais complexa – explicou Ademir. – Por exemplo, os pais, muitas vezes, já não têm mais domínio nem autoridade para intervir nas decisões e comportamento dos filhos. E aí, muitas vezes, jogam a responsabilidade para a escola ou para o Estado, ou até mesmo para a religião.

– Eu concordo com a posição de Ademir – disse Amanda. – É como se estivéssemos o tempo inteiro procurando culpados para um problema que é de todos. As drogas, a violência, a fome, a guerra, tudo isso são questões que dizem respeito a toda a sociedade. A humanidade toda, de alguma

forma, é afetada por essas realidades. E enquanto perdemos tempo procurando culpados, os problemas só aumentam. Talvez falte sentido de corresponsabilidade entre as pessoas. Eu, particularmente, acredito muito na ideia de prevenção do problema, o que é também muito mais barato para o Estado. Quanto a isso, penso que estamos no caminho certo. A cultura deve ser nossa grande aliada.

– Depois das palavras de Amanda, fica difícil acrescentar qualquer coisa diferente! – disse Gustavo. – Ela tem razão, o senso de individualismo diante de algumas realidades humanas é lastimável.

– E então pessoal, já que constatamos algumas realidades e problemas, de que forma podemos trabalhar nosso projeto? Você, Alan, que hoje tá tão calado, o que pensa sobre isso? – Jonas perguntou.

– Eu assino em baixo e concordo com tudo que vocês disseram – disse ele em tom de brincadeira. – Mas, como Amanda disse muito bem, a dimensão cultural e artística, de fato, tem esse poder de agregar valores e também de unir as pessoas, especialmente os jovens. Por exemplo, a maioria de nós já participou de feiras e eventos culturais na escola. Foi lá que cada um de nós descobriu algumas habilidades artísticas. Foi a escola que lançou em nós as primeiras sementes. Acho que essa experiência foi fundamental para estarmos aqui, hoje, reunidos e pensando num projeto comum em prol de outros jovens.

– Muito bem, Alan. Enquanto você falava, eu pensava aqui no papel da escola, não apenas como um depósito de conhecimentos, mas como propagadora de sonhos e ideias coletivos.

– Com certeza, Jonas! – disse Bárbara. – Infelizmente, muitas vezes falta esse incentivo. Acho que a escola e o professor ganham muito quando passam a ver os alunos com potenciais que vão além da assimilação de conhecimentos. Uma vez, eu vi a professora Lucélia perguntando a um aluno como estava sua família. Nossa, eu achei um gesto tão bonito da parte dela! Em relação a esse incentivo por parte do corpo docente da escola, acho que tivemos muita sorte. Eu lembro que todas as vezes que a gente tinha uma nova ideia legal e procurava Dona Amélia, a primeira coisa que ela dizia era: “Sigam em frente, eu acredito no potencial de vocês!”. Nossa, aquilo nos dava tanto entusiasmo!

– Você tem razão, Bárbara! Uma palavra de incentivo por parte dos professores ou da diretora faz toda diferença na vida do aluno. Então, depois dessa partilha e de todas essas constatações, por onde devemos começar?

Após um breve silêncio, Jean levanta a mão.

– Pelo que nós já temos, não é? Os outros se entreolham admirando a capacidade comunicativa do menino.

– Por exemplo, o espaço nós já temos, a equipe nós já temos. Só falta mesmo colocar as ideias no papel e...

Antes de Jean concluir seu raciocínio, todos começaram a aplaudi-lo. Ele ficou sem graça, mas continuou.



– Mas não é, Jonas?

– Sim, claro! O Jean está certo. Vamos pegar todas essas ideias e sugestões e montar nosso projeto. Que tal se montássemos uma associação cultural que abrangesse diversas áreas, como a literatura, o teatro, a dança, a música... não sei, talvez eu esteja viajando demais! O que vocês acham?

– Eu sinceramente acho uma excelente ideia – disse Gustavo. – Penso que essa proposta é bem abrangente e que pode alcançar muitas pessoas, não apenas jovens, mas crianças e até as famílias.

– Não sei se foi mera coincidência, mas eu havia pensado justamente numa proposta cultural mais integrada mesmo, onde pudéssemos realizar feiras, festivais e até concursos nas diversas modalidades artísticas. Afinal, temos de pensar nas aptidões e necessidades do nosso público, sem esquecer a faixa etária, que é muito importante para o alcance dos objetivos do projeto – ressaltou Amanda, empolgada. – Olha só, Jonas, recentemente, eu e mais três colegas de faculdade realizamos um trabalho de campo, no qual a gente entrevistou sessenta famílias e mais de trezentos jovens. Eu lembro que numa das perguntas relacionadas a engajamento comunitário, os pais relataram que incentivam os jovens a buscar engajamento, mas eles reclamam que a cidade não oferece oportunidade; outros disseram que a prefeitura não incentiva a participação da juventude nas ações de cidadania e protagonismo juvenil. Aliás, todos se

queixaram da falta de opção cultural no município. Isso é um fato!

– Esses dados são bem interessantes, Amanda. Certamente nos serão muito úteis. Sem falar que nos dá um embasamento teórico para compreender a realidade socio-cultural na qual as pessoas em geral estão inseridas. Muito bom! – disse Jonas.

– Então, Jonas, com tantos dados, acho que já podemos começar a escrever o projeto, né?

– Sim, Érica, com certeza! Todos estão de acordo com a criação de uma associação cultural nessas modalidades apresentadas? Estão todos dispostos a encarar essa missão? – desafiou Jonas.

Todos se mostraram empolgados. Amanda levantou a mão.

– Jonas, eu tenho uma proposta ao grupo. Eu não sei se vocês conhecem o processo para a criação de uma associação, mas a verdade é que, embora pareça simples, vai exigir de nós disponibilidade para trabalho conjunto. O que eu quero dizer com isso? Que hoje foi só uma reunião geral pra gente ter mais ou menos uma noção da área de atuação e abrangência. Mas seria muito interessante se a gente conseguisse fixar uma data para reuniões, de preferência semanais, até porque, depois que a gente montar o estatuto, eleger a diretoria e empossar os conselhos, ainda têm outras questões burocráticas que não dependem de nós,

Jonas: sonhos e descobertas

então, quanto mais rápido concluirmos a papelada, mais rápido receberemos o alvará de funcionamento. Então, o que vocês acham de continuarmos nos reunindo aos sábados?

– Olha, pra mim, esse é o melhor horário – disse Bárbara.

– E vocês, o que acham? Concordam? – Jonas perguntou.

Todos aceitaram a proposta.

– Perfeito, então. Fico feliz que todos estejam bem dispostos! Isso é muito bom! Já que tá todo mundo empolgado, acho que merecemos um lanchinho especial, não é?

– Achei que não fosse ter nem água, cara! – brincou Alan.

– Vamos lá, galera, antes que o Alan passe mal aqui – disse Jonas, tirando sarro do amigo.

## CAPÍTULO VI



Unidos por uma causa

---

– OI, JONAS, ME DESCULPA TE LIGAR EM PLENO final de semana. Eu sei que você já está em clima de férias, mas é que eu não posso permitir que o prefeito cometa esse crime bárbaro contra a natureza – disse, nervosa, a diretora da escola, sem disfarçar seu descontentamento.

– Crime, Dona Amélia? Que história é essa?

– Por favor, querido, prometa que não vai contar a ninguém que foi eu que lhe disse. Eu preciso do meu emprego, você sabe!

– Claro, pode confiar!

– Então, Jonas, uma amiga que trabalha na prefeitura me contou que o prefeito autorizou a derrubada de algumas árvores da Praça do Cupido.

– Como é? Mas, Dona Amélia, a maioria das árvores é centenária, eles não podem fazer isso!

– Isso mesmo, Jonas, não podem, mas já está tudo certo. Eles dizem que as árvores são muito velhas e que causam riscos à população.

– Mas eles têm alguma autorização, algum projeto de lei que comprove isso?

– Parece que não. Eu acho que aí tem coisa! – disse a diretora, desconfiada.

– Não. Isso não tem cabimento. Precisamos dar um jeito de intervir. A senhora tem alguma ideia?

– Não, infelizmente não sei o que fazer!

– Certo, Dona Amélia. Pode deixar comigo! Muito obrigado.

–Tchau, querido. Boa sorte!

Vendo Jean no Facebook, Jonas teve uma brilhante ideia.

– Dá licença, Jean, preciso entrar na internet!

– Mas você não disse que eu podia ficar o tempo que eu quisesse? – disse o menino, sem querer deixar o computador.

– Eu sei, mas é que temos um problemão pra resolver. Você pode me ajudar?

Jonas e Jean começaram a mobilização pelas redes sociais e alguns telefonemas, a fim de reunir o máximo de pessoas para intervir na ação da prefeitura.

No dia seguinte, de manhã bem cedo, três grandes máquinas foram posicionadas ao redor da praça. As pessoas que passavam por ali, sem compreender o que estava acontecendo, conversavam entre si.

– Será que vão destruir a praça?

– Deve ser alguma reforma!

– Não, não! Parece que a prefeitura quer derrubar essas árvores mais antigas, eu vi na internet – esclareceu um jovem que estava por dentro da situação.

– Mas eles não podem fazer isso, gente! – disparou uma senhora com ar de indignação.

Aos poucos iam chegando mais curiosos. Não demorou muito e chegou o “capanga” do prefeito em sua moto enferrujada e barulhenta.

– Ih, com aquele ali no meio, não deve ser coisa boa! Disparou uma senhora que se aproximava da praça.

Ernestão era um tremendo bajulador, conhecido na cidade pela brutalidade e estupidez. Após conversar com os homens das máquinas e explicar todo o procedimento, enfim fez um gesto apontando para as árvores, como se fosse a ordem final, mas foi surpreendido por uma multidão que se aproximava, barulhenta.

– Patrão, parece que aquela multidão tá vindo pra cá! – disse o motorista de uma das máquinas.

– Que multidão, rapaz? Deve ser alguma procissão das beatas da Igreja! – respondeu o mandante.

– Não, não, é protesto. Vejam as faixas!

Ernestão se apoiou na máquina e conseguiu visualizar a multidão que se aproximava com faixas e cartazes de protesto.

– Eza, eza, eza... protejam a natureza! – a multidão se aproximava cantando.

– Mas como essa gente miserável conseguiu descobrir? Como? Alguém só pode ter contado ao babaca do prefeito! – dizia Ernestão raivoso. – Não tem jeito, vamos! – ele deu ordem para a retirada das máquinas.

Enquanto isso, a multidão comemorava a vitória.

– É isso aí, galera, conseguimos! – gritou Jonas tentando passar pelo meio do povo. – Gente, quero agradecer muito a participação de vocês. Tínhamos pouco tempo para agir, então confesso que fiquei surpreso ao ver tanta gente! Estamos muito contentes com a presença de cada um. Sem vocês, não teríamos conseguido.

Enquanto Jonas falava, sua equipe se posicionava ao redor dele.

– Olhem só, essa foi a galera que me ajudou nessa mobilização. Na verdade, nós já estamos trabalhando juntos há alguns meses num projeto que tenho certeza de que é do interesse de vocês, por isso temos um convite muito especial a fazer.

Jonas deu o sinal para Bárbara.

– Bem, gente, queremos convidar todos vocês para a inauguração de nossa associação, o Centro de Arte e Cultura Santa Clara. Faz alguns meses que resolvemos nos reunir para montar um projeto que tivesse como foco principal os jovens. E estamos muito felizes, pois acabamos de receber o Alvará de Licença e Funcionamento. Nossa sede fica na Chácara Santa Clara, que muitos de vocês devem conhe-

Jonas: sonhos e descobertas

cer. Será um momento muito importante, não apenas pra nós, que estamos à frente, mas pra toda a população. Nós ainda estamos definindo a data, né, Jonas, mas vocês já podem entrar na nossa página no Facebook e acompanhar as novidades. Contamos com a presença de todos!

– É isso aí, gente. Não percam! Em breve divulgaremos a data da inauguração. E só pra vocês ficarem com aquele desejo de participar, nós teremos várias apresentações artísticas das cidades vizinhas, incluindo teatro, dança e música. E teremos ainda vários concursos culturais. Fiquem atentos! Vale a pena participar. Mais uma vez, muito obrigado por terem vindo. Valeu, galera! – disse Jonas, superanimado.

## CAPÍTULO VII



### Oportunidades

---

APÓS O EVENTO DA PRAÇA, JONAS SE TORNOU um dos jovens mais conhecidos da cidade. Naquele mesmo dia recebem centenas de convites em sua página.

– Olá, Jonas Vidal, tudo bem? Obrigada por ter me aceito, e parabéns pela intervenção – disse Larissa, sua mais nova admiradora.

– Tudo bem, sim. Seja bem-vinda! Obrigado por participar da ação de ontem. Foi um sucesso, né?

– Na verdade, eu não participei. Estava em um passeio com meus patrões.

– Ah, achei que você tivesse participado. Mas, então, como você me adicionou? Como ficou sabendo da ação? – indagou Jonas, curioso.

– Eu li algumas notícias em sites e no Correio da Manhã. Falaram tão bem de você que resolvi verificar se você existe de verdade.

Jonas sorriu e pensou um pouco antes de responder.

– Eu existo sim, só não sei se aquelas qualidades todas fazem parte de mim.

– Nossa, que modesto!

– Acho que exageraram nas palavras – disse ele. – Sou uma pessoa normal que gosta de lutar pelo que acredita. Mas não gosto de ir à luta sozinho! É sempre bom ter pessoas agradáveis e sonhadoras ao nosso lado, não acha?

– Hum, que interessante! Sim, sim, acho – disse ela, encantada com as palavras de seu novo amigo.

– Jonas, telefone! É Dona Amélia! – gritou Nina.

– Depois nos falamos, Larissa, preciso atender uma ligação. Ah, gostei de conversar contigo! – despediu-se.

– Eu também. Ah, eu acho que as notícias não disseram nem metade do que você é. Beijos.

– Alô, diga, Dona Amélia!

– Parabéns, Jonas! Eu sabia que você ia conseguir.

– Obrigado, Dona Amélia! Conseguimos. Obrigado pela confiança. Eu sei que você arriscou perder seu emprego.

– Por falar em emprego, você sabia que Ernestão, o capanga do prefeito, foi despedido?

– Não. Mas por que? Por não ter conseguido derrubar as árvores?

– Não, Jonas! Na verdade, houve uma briga entre ele e o prefeito na sexta-feira. E por causa dessa briga, o senhor prefeito resolveu dar as contas dele.

– Como assim, Dona Amélia? Ele foi despedido dois dias antes?

– Foi o que acabei de saber. Então, pra se vingar do Dr. Alfredo, ele resolveu destruir a praça, que foi construída

por um tio-avô do prefeito. Na verdade, a ação foi planejada por debaixo dos panos, enquanto o prefeito viajava. O coitado do Dr. Alfredo e da Dra. Beatriz ficaram sabendo pelo Correio da Manhã.

– Nossa, que coisa estranha! Mas quem contou toda essa história pra senhora?

– Foi a própria primeira-dama, que me ligou há pouco, lamentando o ocorrido. Na verdade, ela ligou mesmo foi pra perguntar de você.

– De mim? Mas como, se ela mal me conhece?

– Ela não apenas o conhece, mas sabe do seu trabalho. Ainda mais agora depois daquela sua foto na capa do jornal.

– Mas o que ela queria saber de mim, Dona Amélia?

– Quer contratá-lo para trabalhar na prefeitura.

– Trabalhar na prefeitura? – disse ele surpreso e sem querer acreditar na proposta. – Mas Dona Amélia, eu nunca trabalhei! Acabei de concluir o terceiro ano!

– Isso não é motivo, Jonas! Você tem talento e competência pra isso – disse ela, convicta. – Querido, é a sua chance! Você é capaz, você sabe disso!

– Nossa! – Jonas fez uma pausa. – Realmente, por essa eu não esperava! – disse ele com uma respiração profunda.

– Lembre-se, pode ser a oportunidade de você crescer profissionalmente e até fazer parcerias com a associação. Pense com carinho! Acho que vale a pena.

– Certo, Dona Amélia, vou pensar.

Jonas pensou por alguns instantes, mas ainda não conseguia processar a ideia.

– Quem era, Jonas? Era Larissa? – perguntou Jean, fazendo gracinha.

– Larissa? Que Larissa? Que história é essa, moleque? Anda lendo minhas conversas no Face, é?

– Não, cara, vi só a foto. Ela é bonita, viu!

– Ah, então a Larissa é bonita? Diz isso pra Nina, que ela vai deixar tuas costas bem bonitinhas. Na verdade era Dona Amélia dizendo que a primeira-dama me ofereceu um emprego.

– Ah, foi? Legal, desde que eu não precise me vestir de árvore como naquele dia na praça!

– Não, não, seu engraçadinho! É na prefeitura. A primeira-dama que arrumou!

– A mulher do prefeito? E você aceitou, né?

– Na verdade, eu fiquei de pensar.

– Se fosse eu, aceitava na hora! – disse Jean decidido. – Aceita, rapaz, é bom que você compre uma bicicleta nova e me dá aquela velha de presente.

– Tá certo. Vou pensar no seu caso, seu interesseiro!

– Jean, ô Jean Claive, toma aqui – Nina pediu que Jean entregasse um envelope a Jonas.

– Uma carta pra mim?

– Minha mãe disse que achou debaixo da porta e só agora se lembrou de entregar. Abre logo, cara, deve ser da Larissa! – disse ele, tirando sarro.



– É, deve ser dela mesmo, seu engraçadinho! – Jonas abriu a carta e foi para o quarto.

*Jonas, meu filho, não poucas vezes você terá dúvidas diante da vida. Elas fazem parte do processo de escolha. A dúvida nos faz refletir e tomar as melhores decisões. Escolher é correr o risco do sim ou do não. Por outro lado, quem não tem coragem de correr riscos poderá passar a vida toda sobre o muro da dúvida. Falando assim, até parece que fui sempre uma pessoa decidida. Não. Sempre fui medrosa, mas nunca me deixei vencer pelo medo. Eu lembro que quando saí de casa, com meus catorze anos de idade, minha mãe disse: “Cuidado com o mundo, minha filha, ele poderá engolir você”. E eu, me fingindo de forte, disse a ela, em tom de brincadeira: “Não se preocupe, mãezinha, meus sonhos não cabem na boca do mundo”. Eu lembro que a minha primeira grande escolha foi entre estudar ou trabalhar. Nossa, como foi difícil ter que parar de estudar durante aqueles dois anos. Mas cada coisa tem seu tempo e suas circunstâncias. Depois, à custa de muito esforço, tentei meter a cara nos livros e recuperar o tempo perdido. Hoje eu sei a dor e a alegria de uma simples escolha. Mas a beleza da vida é a graça de poder escolher nossos caminhos, nossos sonhos. Por isso, meu príncipe, não tenha medo de fazer as melhores escolhas da vida. Não deixe que nenhuma insegurança o impeça de seguir sua busca. Tenha coragem de arriscar-se! Nem permita que outros ditem os caminhos que você deve seguir, descubra-os*

*você mesmo. E quando as estradas parecerem fechadas para você, tenha a ousadia de abrir novas veredas. A vida é tão dinâmica quanto as nossas dúvidas, por isso nunca deixe de se perguntar: afinal, porque estou aqui? O que me faz permanecer nesta escolha? Sabe, filho, já vi muita gente partir infeliz por insistir em sonhos que não eram seus. Dizem que todo mundo tem sua cruz, e, às vezes, mais de uma. Mas não há cruz mais pesada que gastar a vida por um sonho que não é seu, e passar os anos fingindo felicidade onde não existe. Com o tempo, a cruz vai ficando cada vez mais pesada e você não tem coragem de abandoná-la. A respiração fica ofegante e a alma perde o tom da liberdade. A troca de quê? Será por medo do recomeço? Quando se vê, o tempo ruiu... E a vida, que era pra ser feliz, não passou de um vazio sem fim! Acho que a cruz mais pesada é esta, da falta de sentido. É preciso coragem para dizer a si mesmo: “Este sonho não é meu, preciso deixá-lo!”. No entanto, há muitos sonhadores carregando nas costas o sonho errado. Estes, lamentavelmente, nunca serão felizes de verdade! A vida é uma eterna busca pela autorrealização e pela felicidade. Você já deve saber disso! Talvez a pressa seja, em grande parte, a culpada pela escolha do sonho errado. Mas, então, quando sabemos que “esse” é o sonho certo, quando dizer “esse é o meu sonho”? É quando nos sentimos em casa na escolha que fizemos. É quando nos sentimos em casa, mesmo quando o mar se agita dentro de nós. Sentir-se em casa é quando respiramos a leveza da escolha certa. A alma sente quando a paz é sincera. Por isso, filho meu, tenha*



Jonas: sonhos e descobertas

*sempre a coragem de sonhar, mas tenha ousadia para abandonar os sonhos que não lhe pertencem... Nunca aceite uma vidinha mais ou menos. Que a vida seja simples, mas nunca medíocre. Um beijo no coração!*

*Com amor eterno, Clara Helenna*

## CAPÍTULO VIII



Entre a pausa e o recomeço

---

– BOA NOITE, JONAS, QUANTO TEMPO!

– Pois é, Larissa. Desculpa a ausência!

– Tudo bem! Já estou acostumada com a ideia de que os garotos, geralmente, são muito ocupados e quase sempre não têm tempo – desabafou Larissa em tom de ironia.

– Me desculpe. Juro que esses dias foram realmente muito corridos. Estamos nos preparativos para a inauguração do Centro Cultural.

– Legal!

– E agora que recebi uma proposta de emprego, ando meio dividido.

– Tudo bem, não precisa se justificar tanto.

– Eu acho que lhe devo explicações, afinal, somos amigos. Ou não?

– Sim, somos. Eu agradeço sua gentileza. Eu é que peço desculpas pela cobrança boba. É que me faz tão bem conversar contigo... E eu acabei sentindo muita falta de você. Pronto, falei!

– É recíproco. Também gosto muito de sua companhia. Estou ansioso pra conhecê-la.

– Eu também!

– E como está a faculdade, senhorita psicóloga?

– Ah, maravilhosa. Estou nos últimos preparativos para a monografia.

– Parabéns! Certamente vai ser um sucesso.

– Obrigado. Assim espero. E você, está preparado para o vestibular?

– Ah, sim, mais ou menos. Acho que estou!

– Vai dar tudo certo; você é um rapaz inteligente!

– Muito obrigado. Você, como sempre, muito simpática. Posso lhe fazer uma pergunta?

– Sim, claro, à vontade!

– Se seus pais moram no sítio, então você mora com quem?

– Ah, eu divido aluguel com a Lorena, uma amiga. Também estudamos juntas.

– Ah, entendi. Você se importa se eu te fizer mais uma pergunta?

– Posso fazer a minha primeiro?

– Sim, claro!

– Desculpa a indiscrição, mas você tem namorada?

– Assim não vale, você copiou minha pergunta. Espero que a resposta seja igual – disse Jonas.

– Não, estou solteira faz algum tempo.

– Eu também não tenho namorada.

– Hum!

– Como pode uma moça tão bela, simpática e inteligente não ter namorado?

– Bondade sua! Na verdade, meu último relacionamento foi meio conturbado. Ficaram algumas marcas.

– Não há marcas ou feridas, por maiores que pareçam, que um novo amor não consiga curar. A seu tempo, é claro!

– Será? Não sei. Ainda tenho algumas inseguranças.

– Faz quanto tempo que você está sozinha?

– Uns nove meses, eu acho.

– Nove? Talvez esteja na hora de gestar um novo amor.

Não sei se você fez essa pausa consciente, mas eu acho importantíssimo dar um tempo entre um relacionamento e outro.

– Pra limpar a alma, né?

– Sim, sim, isso mesmo! Como você disse no início, ficam algumas marcas. Penso que fingir as feridas é ignorar a própria história.

– Verdade! Acho que você deveria estudar psicologia...

– Se você me convencer, quem sabe...

– Estou brincando. Mas, voltando ao assunto, eu conheço algumas pessoas, inclusive colegas minhas, que não conseguem ficar sozinhas nem sequer por uma semana. Até me criticam por esse tempo que tirei pra mim.

– Também conheço pessoas assim. Particularmente, acho que a pausa é extremamente necessária. Assim como

uma casa não se sustenta num alicerce malfeito ou num monte de areia movediça, o amor também não cria raízes profundas se o terreno do coração não estiver livre para uma nova experiência.

– Nossa, você fala com tanta propriedade sobre o amor! Até parece ser experiente no assunto.

– Mas não sou, não. Tive apenas uma namorada. Mas foi uma experiência bastante interessante. Aprendi muito com a convivência, com os gostos, com as diferenças. Até com os silêncios dela eu aprendi. Minha avó costumava dizer que toda forma de amor, seja por plantas, animais ou objetos, deve nos aperfeiçoar no amor às pessoas.

– Que interessante! Eu concordo com ela. Não podemos substituir o amor humano por outros tipos de amores. Se bem que é mais fácil cultivar sentimentos por coisas e animais; eles não falam nem contrariam, né?

– Isso é verdade. E amor é justamente o contrário do apego, é uma experiência mais profunda e exigente.

– Sem dúvidas, Jonas.

– Aquele que se abre ao amor há sempre que esvaziar algo de si para hospedar o outro. Caso contrário, o relacionamento não dará certo. Amor não combina com egoísmo. Penso que o amor seja mais que sentimento; é uma experiência que nos transforma, primeiro, no outro, para encontrar-mos a nós mesmos.

– Nossa, que bonito! Gostei.

Jonas: sonhos e descobertas

– Obrigado. Sabe, Larissa, a escuta é o alimento imprescindível em qualquer relação, ainda mais quando se fala de amor. Acho que esse foi o grande motivo do fim do meu relacionamento. Ela só sabia cobrar, falar e falar.

– Entendo. De fato, não tem como levar adiante uma relação onde só um fala e o outro escuta.

– Quando falo de escuta, é muito mais ouvir o não dito do outro. É ser capaz de escutar aquela dor silenciada no peito da pessoa amada, antes que tudo vire estranheza. Hoje em dia, o “eu te amo” todo mundo diz. Cada um tem um jeito de “dizer” o amor. Escutar o olhar, traduzir o silêncio, isso poucos conseguem.

– Isso é verdade, as relações estão em crise porque as pessoas desaprenderam a escuta do amor.

– Minha linda, o papo está bom, mas preciso dormir. Amanhã tenho uma entrevista de emprego.

– Tudo bem, acho que o sono já chegou por aqui também. Mas obrigada pelas sábias palavras.

– Não há de quê. Ainda temos muito o que aprender do amor.

– Boa noite. Descanse!

– Você também. Beijos.

## CAPÍTULO IX



### A vida profissional

---

O DIA NA PREFEITURA ESTAVA CALMO. DOIS guardas encostados na porta de entrada comentando o jogo do Brasil, e a recepcionista relaxadamente fumando seu cigarro, sentada na ponta da calçada.

– Bom dia!

– Diga, gatinho, deseja falar com alguém?

– Sou Jonas Vidal! Estou...

– Já sei, você é o rapaz que vai substituir Ernestão, não é? – disse a mulher, observando-o. – Nossa, Dra. Beatriz não poderia ter feito escolha melhor! – completou.

– Posso subir, senhora? – perguntou Jonas educadamente.

– Senhorita, por favor! Olha só, Jonas, pode seguir a escada ao final do corredor e falar com a moça da sala à esquerda. Ela é a secretária da primeira-dama.

– Tudo bem, obrigado. Com licença!

– Nossa, que moço educado! – disse ela, reacendendo o cigarro.

– Jonas!

– Larissa?  
– O que você faz aqui? – disse ela, sem acreditar.  
– Vim falar com a primeira-dama.  
– Então você é o rapaz que vai trabalhar com o Dr. Alfredo?

– Sim, Larissa, é ele mesmo! – interrompeu a patroa, convidando-o para entrar. – Pelo visto vocês já se conhecem! – disse ela, percebendo os olhares entre os dois.

– Sim, sim, pela internet! – respondeu Jonas.

– Já vi que os dois vão se dar muito bem! – disse ela, piscando para Larissa, enquanto conduzia Jonas à sua sala.

Larissa ficou tão nervosa com o encontro inesperado que resolveu ligar para contar a surpresa à amiga.

– Lorena, amiga, você não vai acreditar em quem acaba de chegar aqui no gabinete!

– Não me diga que foi o insuportável do Rodrigo!

– Não, mulher. O Rodrigo é passado. Estou falando do Jonas!

– Como é? O seu amigo gato está aí?

– Isso mesmo. Ah, ele é tão fofo... Amiga, preciso desligar, em casa conversamos. Beijos.

– Tchau, amiga, boa sorte!

– Sente-se, querido! E então, tudo bem? – disse a primeira-dama, com envolvente simpatia.

– Sim, sim, tudo ótimo! – disse ele, confiante.

– Fiquei muito contente que você tenha aceitado meu convite. Quando Amélia me ligou, você não imagina

como fiquei feliz! – disse ela, sorrindo. – Embora conheça um pouco sobre seu trabalho na escola e tenha lido aquela matéria sobre você no Correio da Manhã, gostaria de conhecê-lo melhor. Você se incomoda em me falar um pouco sobre você?

– De forma alguma! Bem, como Dona Amélia já deve ter comentado, sempre participei dos projetos promovidos pela escola, depois assumi o grêmio. Isso pode parecer pouco, mas foi o que me deu base para descobrir algumas potencialidades em mim, como, por exemplo, a facilidade em integrar e unir pessoas.

– Você se considera um líder?

– Um líder aprendiz, talvez. Em processo, quero dizer. Gosto de me redescobrir na relação com o diferente e nos desafios do trabalho conjunto. Eu, sinceramente, não vejo o líder como aquele a quem todos seguem, mas aquele que ajuda a equipe a caminhar junto. Liderança, pra mim, é fazer com que o outro descubra em si aquelas qualidades que ele próprio ainda não percebeu que possui. E isso gera autonomia nas pessoas. Todo membro de uma equipe pode e deve se tornar um líder. Acredito que essa tem sido um pouco minha experiência à frente do Centro Cultural. Não há um que conduz. Todos são líderes. A meta é comum.

– Você já fez algum curso nessa área?

– Não, senhora. Mas pretendo me aprofundar depois. É um assunto pelo qual me interessa bastante.

– Pra encerrarmos nossa conversa, me fale um pouco sobre sua família. Soube que sua avó faleceu há pouco tempo. O que a família representa pra você?

– É difícil falar de família quando todos já se foram... Mas o que posso dizer é que minha avó foi a mãe que eu nunca tive. Ela deu sua própria vida por mim. Acho que a família é nossa principal referência, e sem ela nos sentiríamos perdidos no mundo.

– Estou encantada com sua maturidade. Parabéns!

– Muito obrigado! Agradeço de coração por me ouvir. Eu espero realmente poder contribuir e fazer um bom trabalho.

– Ah, não tenha dúvidas – disse ela, pegando uns papéis no armário.

– Bem, Jonas, além de acompanhar Alfredo em suas viagens e reuniões, vou precisar que você acompanhe os conselhos municipais. O trabalho, certamente, não é tão diferente do que você faz na associação, acredito que não terá dificuldades em realizá-lo.

– Acompanhar significa o que, exatamente?

– Veja só, cada secretaria tem um ou mais conselhos. Nesse sentido, gostaria que você participasse das reuniões mensais e extraordinárias e peço que me repasse as pautas e deliberações, certo?

– Tudo bem!

– Aqui estão as pastas com dados de todos os conselhos. Agora vamos lá conhecer sua sala.

– Nossa, que batom bonito, Larissa! – observou Dra. Beatriz. Jonas olhou discretamente e dirigiu-lhe um tímido sorriso. Larissa retribuiu fazendo um gesto discreto com a mão direita enquanto a outra tocava levemente a nuca. Ela não parou de observar Jonas um só instante.

– Então, Jonas, aqui é a sala do Alfredo. E esta é sua sala. Na minha ausência e do Alfredo, você e Larissa deverão ficar responsáveis pelo setor administrativo aqui da prefeitura.

– Nossa, que responsabilidade, hein! – disse Jonas.

– Mas eu confio no seu potencial. Você já provou que é um bom rapaz. Larissa também é uma pessoa maravilhosa, super-responsável! Ainda bem que não tem namorado, assim ela tem mais tempo para me ajudar. Larissa, venha aqui, por gentileza!

– Diga, Dra. Beatriz!

– A partir de amanhã, eu, você e Jonas formaremos uma equipe e trabalharemos sempre juntos. Como você sabe, Alfredo anda meio indisposto, e não podemos sobrecarregá-lo.

– Tudo bem, Dra. Beatriz – e olhando para Jonas, diz: – Mais uma vez seja bem-vindo, Jonas! Será um prazer trabalharmos juntos. Com licença!

– Muito obrigado, Larissa!

– Então, Jonas, está tudo claro, alguma dúvida?

– Não, não, está tudo certo. Obrigado novamente!

– Não há o que agradecer. Se você está aqui é porque,

de alguma forma, soube fazer boas escolhas na vida. Esse emprego ninguém lhe deu, você o conquistou. Lembre-se sempre de uma coisa: quando nos damos por inteiro a tudo o que realizamos e fazemos, as coisas tendem a fluir a nosso favor. Então, até amanhã. Foi um prazer!

– O prazer foi meu. Agradeço a atenção e gentileza. Tenha um bom dia!

– Nossa, mas que rapaz maravilhoso, você não acha, Larissa?

– Sabe que nem observei direito, Dra. Beatriz! Mas ele é bem educado, sim! – disse a secretária, fazendo-se de desentendida.

## CAPÍTULO X



### O encontro

---

– LARISSA, EU PASSEI, EU PASSEI! – GRITAVA  
Jonas do outro lado da linha.

– Parabéns, amigo! Fico feliz por ti! É isso aí, futuro filósofo.

– Quer sair comigo pra comemorarmos?

Ela deu três pulinhos de alegria e respondeu, fazendo-se de difícil:

– Ah, não sei. Quando seria?

– Hoje à noite, pode ser?

– Só um momento, Jonas.

– Amiga, ele me convidou pra sair, o que faço?

– Aceita, sua boba!

– E você? Vai ficar aqui sozinha?

– Bobagem, a gente sai amanhã. Vai, amiga, aceita!

Jonas já estava ficando nervoso e quase certo de que ela não aceitaria seu convite.

– Jonas! Combinado!

Ele mal podia conter a alegria.



– Então passo aí às oito horas, pode ser?  
 – Melhor às oito e meia, o que acha?  
 – Tudo bem. Até mais, então!  
 – Ai, amiga! Ele é um doce! – disse Larissa com a mão no queixo. – Mas tenho medo, sabe, Lorena.  
 – Medo de que, amiga? Você não é livre e ele também?  
 – Mas trabalhamos juntos. Será que rola?  
 – Para, amiga, deixa de insegurança, sua besta. Claro que dá certo. Você não disse que ele é maduro o suficiente pra separar as coisas?  
 – Sim, ele é!  
 – E além de tudo, ele é um gatinho, né, querida! Vai matar as outras de inveja.  
 – Ai, Lorena, você é louca mesmo!  
 – Mas vamos, amiga, vou arrasar na sua escova. Quero que fique linda pra fisgar o Jonas Vidal, o garoto do jornal! Olha só, até rimou!  
 Larissa riu das loucuras de Lorena. Enquanto isso, Jonas tentava escolher a melhor roupa.  
 – E essa, Nina, que tal?  
 – Não, Jonas, tá muito adolescente. Você não disse que quer uma roupa que te deixe mais maduro?  
 – Pois é, mas não tem.  
 – Tem sim, Jonas. E aquela social preta? – Nina apontou para as camisas em cima da cama. – Preto combina com a noite, lembra? Sua avó sempre dizia isso.  
 – Com *blazer* ou sem *blazer*?

– Vai com *blazer* que tá um pouco frio!  
 Nina pôs a mão no queixo e ficou toda boba olhando para Jonas.  
 – O que foi, Nina? Estou bonito?  
 – Estou aqui pensando como Dona Clara ia ficar feliz se visse o neto dela assim todo bonitão – disse, ela, emocionada. Jonas a abraçou.  
 – Para, com isso, sua boba! Vovó está muito feliz por mim, e não tem porque ficarmos tristes. Certo?  
 – Tá bom! Cuidado com a moto. Vê se não corre muito na ladeira.  
 – Mãe, posso ir com o Jonas? – interrompeu Jean.  
 – Mas de jeito nenhum. À noite, lugar de criança é na cama.  
 – Eu não sou mais criança, mãe! Eu tenho quase treze anos.  
 – Doze, Jean. Você só tem doze anos. Que mania de querer ser gente grande!  
 – O menino se retirou com raivou.  
 – E não adianta ficar emburrado!  
 – Então já vou, Nina! Vou dormir na casa do Alan, tá?  
 – Certo, vai com Deus!  
 ...  
 – Amiga, tem alguém buzinando lá fora, será ele?  
 – Mas já? Agora que são oito e dez! Vê lá, por favor, e pede pra ele aguardar mais uns minutinhos.

– Oi! Você é o Jonas?

– Sim. E você deve ser a Lorena, a amiga de quem Larissa tanto fala.

– Isso, sou eu mesma. Prazer! Ela pediu pra você entrar e aguardar na sala.

– Não, não, muito obrigado! Eu espero aqui mesmo.

– Lorena, me ajuda aqui! – gritou Larissa.

– Só um minuto, Jonas! Já ela sai.

– Ai, amiga, ele é mais bonito ao vivo do que nas fotos! Gatíssimo, hein! Se você não quiser, eu pego!

– Para, mulher! Reza aí pra que dê tudo certo!

– Vai, gata! Tá linda! Boa sorte!

– Nossa, quanta elegância!

– Obrigada! Adorei o *blazer* – disse ela, beijando-lhe o rosto.

– Você tá linda como sempre!

Para Jonas, ainda não tinha caído a ficha que aquele encontro realmente estava acontecendo.

– E então, vão pedir o quê? – perguntou o garçom.

– Você pode escolher. Eu confio no seu bom gosto! – disse ele, sorrindo.

– Ah, é? Então, vamos lá! É... uma pizza metade atum e metade carne de sol. Ah, e dois sucos naturais, de pêssego. Alguma objeção? – perguntou Larissa com um sorriso encantador.

– Não, de jeito nenhum. Está ótimo. Traga o que ela pediu, por favor!

– E então, Jonas, quer dizer que você vai começar o curso de filosofia em breve...

– Pois é! Fiquei felizão, ó!

– Eu também fiquei supercontente por você!

– Eu percebi. Muito obrigado! Eu precisava dividir esse momento com alguém especial!

Ela ficou desconcertada e mudou de assunto.

– Sem querer falar de trabalho, mas é que ouvi Dr. Alfredo falando muito bem de você para Dra. Beatriz.

– Ah, foi? Nossa, que bom. Fico feliz!

– Ele disse que você é inteligente e sabe lidar com as pessoas.

– Ah, acho que ele se referia ao último evento de que participamos, onde aproveitei pra falar do Centro Cultural. O pessoal gostou muito da iniciativa e alguns, inclusive, solicitaram até uma cópia do projeto.

– Nossa, que legal!

– Mas chega de falar de trabalho, não é mesmo? – disse Jonas, tentando mudar de assunto. – Que tal falarmos de você? – sugeriu ele.

– De mim? Mas você já sabe quase tudo da minha vida!

– Não, não. Nada além da vida profissional!

– Do que você quer falar, então? – perguntou ela apoiando a mão no queixo.

– De relacionamento, por exemplo! O seu ex parou de persegui-la?

– Ah, sim, parou. Soube que ele se juntou com uma menina e já se separou.

– Nossa! Ele realmente não era pra você!

– Eu demorei pra me convencer disso. Ele não era pra mim.

Isso era tudo o que Jonas queria ouvir.

– Sabe, Jonas, nos primeiros meses, eu pensei que não fosse suportar a ausência dele. Mas hoje me sinto tão livre!

– Isso é importante! É preciso reconquistar a si próprio pra conseguir amar outra vez, pois pouco ama quem pouco se conhece.

– Concordo com você! Nossa, o vento está forte aqui fora! – disse ela, cruzando os braços.

– Você que entrar? Podemos pedir uma mesa lá dentro!

– Não, está tudo bem, obrigada!

Jonas, como bom cavalheiro, afastou um pouco sua cadeira para perto da moça e pôs seu *blazer* sobre os ombros dela.

– Obrigada! Eu não pensei que fosse esfriar tanto!

Jonas tocou as mãos dela e percebeu que estavam geladas.

– Já podemos ir, se você não se importar – sugeriu ela.

– Sim, claro! Garçon, por gentileza.

Chegando na casa de Larissa, os dois entraram silenciosamente para não acordar Lorena. Sentaram-se no sofá da sala.

– Você quer alguma coisa, uma água, um chá?

– Quero sim! Eu quero isso... – respondeu Jonas, interrompendo a conversa com um caloroso beijo.

– Nossa! – disse ela, numa respiração ofegante.

Ela sorriu e brincou:

– Por que você demorou tanto a aparecer na minha vida, hein?

– Por que o amor não tem pressa quando vem pra ficar

– Os dois se beijaram demoradamente.

## CAPÍTULO XI



### Patrão ou amigo?

---

– E ENTÃO, JONAS, O QUE TÁ ACHANDO DO trabalho? – perguntou o prefeito, enquanto Jonas colocava sua pasta no banco de trás do carro.

– Estou gostando bastante!

– Beatriz disse que os secretários o elogiaram na última reunião. Os Conselhos Municipais estavam mesmo precisando de alguém como você, jovem e com atitude – disse o prefeito, que não tinha o hábito de elogiar ninguém.

– Beatriz me contou que você tem uma associação...

– Ah, sim! Na verdade, foi uma ideia conjunta com uns amigos da escola.

– Mas do que se trata mesmo?

– É uma associação cultural voltada especialmente para o público jovem. Mas teremos atividades lúdicas e literárias pra crianças também.

– Parece interessante a ideia! Inclusive, Beatriz e eu estávamos combinando de fazer um repasse mensal para sua associação.

– Repasse mensal? Isso é possível?

– Sim, claro! A prefeitura repassa uma quantia, como já fazemos com outras duas associações, e mensalmente vocês prestam contas.

– Nossa, Dr. Alfredo, mas essa é uma notícia maravilhosa! – Jonas comemorou.

– Já pedi a Beatriz que providenciasse o convênio. Tenho certeza de que o investimento será bem administrado. Você já provou que é responsável e organizado. Olha, Jonas, eu não sei se alguém já lhe disse, mas você tem perfil para a política. Tem dom, viu? Você já pensou nisso?

Jonas riu com a pergunta.

– Não, senhor! Embora acredite ser extremamente importante para a sociedade, a política não faz parte dos meus planos profissionais. Tenho outros sonhos.

– Você está certo. Não se deve trocar de sonho como quem troca de roupa. Quando a gente é jovem, costuma fazer isso! Depois a gente aprende a focar numa escolha. Mas se você escolhe um sonho e não busca ser fiel a ele, você está traindo a si próprio. Confesso que vacilei algumas vezes por não saber me dedicar a um único sonho – desabafou o prefeito.

– Concordo com o senhor!

– É, caro Jonas, nesta era de multiplicidade, parece que a onda é experimentar de tudo, mas isso é ilusão para pegar os que vivem sem rumo por aí. Quanto mais opções, me-

nor a entrega. Ou seja, quanto mais coisa se busca, maior a chance de se perder do essencial.

Jonas apenas o escutava, admirando suas sábias palavras.

– Sabe, Jonas, eu na sua idade, já era presidente do sindicato da minha cidade. Nasci praticamente dentro dos movimentos sociais. Meu pai sempre gostou de política. Acho que tá no sangue – disse, ele rindo. – Mas sabe o que atrapalhou meus planos? Ter casado cedo demais. Depois não deu certo. Ela não gostava muito de política, então nos separamos.

– O senhor a trocou pela política?

– Não, não! Na verdade, eu a amava muito, mas não soube cultivar. Assim é na vida, tudo que não se cultiva, vai se perdendo aos poucos. Depois, resolvi aproveitar a vida, mas sem casar com ninguém. Conheci várias mulheres interessantes. Com o tempo, eu conheci Beatriz, e aí resolvi casar novamente. Foi a melhor coisa que fiz na vida, casar com ela.

– O senhor tem uma esposa especial mesmo! Uma grande mulher.

– Se eu pudesse escolher novamente, eu teria aproveitado mais a minha juventude. Mas como o tempo não volta nem espera além do necessário, me resta ser feliz com as escolhas que fiz. Não é, mesmo?

– É verdade! Não se faz boas escolhas sem uma boa dose de reflexão.

– É isso aí, futuro filósofo! Vamos fazer uma paradinha aqui pra comprar uma água – disse ele, estacionando o carro.

– Se o senhor quiser eu posso ir lá comprar.

– Não, não, pode ficar aí, vou eu mesmo, pois quero cumprimentar o dono do posto, um velho conhecido meu.

Jonas ficou dentro do carro. O dono do posto abriu aquele sorriso ao avistar o prefeito. Após caminhar alguns metros em direção ao balcão do restaurante onde estava sentado aquele senhor careca e robusto, Dr. Alfredo começou a passar mal e a se curvar lentamente com a mão no peito. O dono do posto, que conhecia o prefeito havia anos, permaneceu imóvel achando que fosse mais uma de suas brincadeiras. Quando Jonas correu para socorrê-lo, ele já estava estendido no chão. O dono do posto ligou para o hospital e a ambulância chegou poucos minutos depois.

– Boa noite, Dra. Beatriz! Sou eu o Jonas – disse ele com tom de voz baixo.

– Diga, meu querido, já estão chegando? Mandei preparar um jantar delicioso pra vocês! – disse ela, animada.

– Dra. Beatriz, infelizmente não está tudo bem. Dr. Alfredo passou mal na estrada.

– De novo, meu Deus? Deve ter esquecido de tomar os remédios – disse ela, desesperada.

– Estamos no Hospital das Clínicas.

– Estou indo agora!

– Familiares do senhor Alfredo Sampayo! – disse o médico com alguns papéis na mão. Jonas se levantou e se aproximou do médico.

– Você é neto dele? – perguntou o médico.

– Não, senhor! – respondeu Jonas. – Sou amigo.

– Com licença, com licença! Sou esposa do senhor Alfredo. Doutor, como ele está? Como ele está? – perguntou a primeira-dama, muito nervosa.

– Infelizmente, o quadro de saúde dele não é tão simples. Teremos que fazer uma cirurgia com certa urgência.

– Ah, meu Deus! – disse ela, se apoiando em Jonas.

– Calma, Dra. Beatriz, vamos esperar – Jonas tentou consolá-la.

– Com licença, senhora! – o médico se retirou.

– Diga, Jonas, o que houve? Ele teve alguma emoção durante a viagem?

– Não que eu lembre. Ele estava até contente!

– Eu preciso rezar um pouco, querido, disse ela, saindo em direção à capela.

Jonas a acompanhou e sentou-se no banco ao lado, enquanto ela fazia suas preces. Após alguns minutos de silêncio, ela se acalmou e retribuiu um leve sorriso a Jonas.

– Dr. Alfredo tem muito amor pela senhora – disse Jonas.

– Eu também o amo muito. Não gosto nem de pensar em como seria minha vida sem ele.

Jonas: sonhos e descobertas

Por volta das três da manhã, a enfermeira avisou que a cirurgia foi finalizada, mas que o quadro de saúde do paciente ainda era instável.

– Jonas, querido, quando amanhecer o dia, você deve ir pra casa descansar. Depois ajude Larissa no que for preciso. Tem alguns trabalhos para concluir.

– Tudo bem! Mas quando a senhora quiser ir pra casa descansar, eu não me incomodo de ficar aqui com Dr. Alfredo.

– Obrigada, querido, não se preocupe. Muito obrigada por tudo – disse ela dando-lhe um abraço.

## CAPÍTULO XII



### O sonho realizado

---

**HOMENS CARREGANDO CAIXAS DE SOM DE** um lado, músicos afinando instrumentos de outro, mulheres organizando as cadeiras, refletores sendo colocados no palco. Estava quase tudo pronto para a inauguração do Centro de Arte e Cultura Santa Clara.

– Jonas, os grupos estão chegando! – gritou Jean, passando com uma bandeja na mão cheia de sacos de pipoca.

– Certo, peça a Bárbara e Alan pra virem recepcioná-los – disse Jonas, enquanto ajudava Amanda e Gustavo a colocar as toalhas nas mesas.

– Boa noite, Jonas!

– Olá, pessoal, tudo bem? Obrigado por terem vindo! E aí, como vai?

Jonas os cumprimentou e a todos acolheu com um sorriso.

– Olhem só, pessoal, esta é Érika e este é Raul. São eles que irão coordenar as apresentações, certo? Qualquer dúvida, recorram a eles – disse Jonas enquanto cumprimentava alguns artistas convidados.

– Olá, pessoal, sejam bem-vindos! A ordem das apresentações será a seguinte... – disse Raul, pegando sua prancheta com as anotações.

Enquanto isso, Diego e Ademir cuidavam da barraca das comidas típicas. Nina e algumas senhoras voluntárias preparavam as comidas. Todos trabalhando em equipe, exatamente como Jonas e os amigos haviam sonhado. Os bancos e cadeiras espalhadas, aos poucos iam sendo ocupados.

– Senhoras e senhores, muito boa noite! – disse Larissa, como sempre discreta e elegante. – Hoje é uma noite muito especial para todos nós que fazemos parte do Centro de Arte e Cultura Santa Clara. Mas é especial também para todos vocês, afinal de contas, foi por causa de vocês, jovens, crianças, adolescentes e familiares aqui presentes que nasceu essa bonita iniciativa.

Sua fala inicial foi interrompida por um caloroso aplauso.

– Quero chamar aqui ao palco os idealizadores do projeto. Foram eles que tiveram a ideia e trabalharam juntos durante meses para que esse sonho se concretizasse. São eles: Jonas Vidal, Amanda Souza, Bárbara Melo, Érika Bezerra, Raul Sampaio, Alan Almeida, Ademir Soares, Gustavo Henrique e o mais novo da turma, Jean Claive! A eles os nossos agradecimentos por essa iniciativa tão nobre!

Os convidados os aplaudiram de pé. Alguns se emocionaram, inclusive Jonas, que fez seu primeiro discurso como presidente.



– Muito obrigado a todos pela presença! Hoje está se concretizando um grande ideal, um sonho que, pra nós, tem um significado todo especial, porque não foi sonhado por uma pessoa só, mas por uma equipe. Por jovens, e crianças também, não é, Jean? Foram muitas reuniões, pesquisas, desencontros e desafios... Mas juntos e com a ajuda de todos, hoje nós temos a alegria de inaugurar o Centro de Arte e Cultura Santa Clara. Muito obrigado a todos!

– Depois de ouvir as bonitas palavras do presidente do Centro Cultural, iremos conhecer agora a belíssima história de uma pessoa que inspirou a criação deste projeto.

Em um telão à esquerda do palco, todos acompanharam e se emocionaram com um vídeo da história de Dona Clara Helenna, contada por algumas pessoas que a conheceram. O último depoimento foi o de Nina, que, apesar de tímida, aceitou gravar uma pequena mensagem.

– Eu morei com a Dona Clara desde os catorze anos de idade. Eu vim do sítio pra trabalhar com ela, mas ela nunca foi uma patroa pra mim, ela foi como uma mãe, uma amiga. Eu nunca vou esquecer do dia em que eu estava chorando, com a barriga já grande, grávida do Jean, e eu disse a ela que, quando o bebê nascesse, eu o mandaria para os meus pais criarem. Ela olhou pra mim e disse: “Nina, você nem o seu filho nunca irão precisar sair daqui. Ele vai ser criado aqui em casa como se fosse meu segundo neto”. Depois da-

quele dia, eu tive certeza de que a dona Clara só sabia fazer uma coisa nesta vida: amar. Ela só sabia amar – disse Nina com voz embargada.

As pessoas aplaudiram, emocionadas com o depoimento. Larissa tentou disfarçar a emoção e continuou a apresentação.

– E agora, depois dessa linda história, nós vamos apreciar as apresentações culturais que preparamos para esta noite! Depois, não deixem de visitar nossa barraca de comidas típicas preparadas especialmente pra vocês.

Após as apresentações dos grupos convidados, Larissa chamou Jonas para fazer o encerramento.

– Oi, gente, espero que tenham gostado. Isso foi só o começo daquilo que será nosso projeto.

Uma simpática senhora, empolgada com aquela alegria da multidão, levantou-se de sua cadeira e foi em direção a Jonas.

– Posso falar uma coisa, meu filho?

Jonas segurou o microfone para ela falar.

– Boa noite, meus amigos e minhas amigas. Meu nome é Rosa e estou muito feliz por estar aqui na casa da Helenna. Tenho certeza de que onde ela estiver, ela está feliz por tudo isso! Nunca, em toda minha vida, eu vi uma coisa tão linda. Vendo todas essas apresentações maravilhosas, tudo feito pelos jovens, eu digo de todo meu coração pra cada um que está aqui, que o mundo tem jeito sim! Que se os jovens

se unirem e quiserem, eles podem transformar o mundo. Um beijo no coração de todos e muito obrigada.

– Obrigado, Dona Rosa pelas suas belas palavras! Gente, antes de encerrar a festa, eu quero partilhar algo com vocês. Já que vocês serão nossos maiores parceiros daqui pra frente, nós achamos que seria importante dividir com vocês.

Alguns cochicham entre si:

– Será que ele vai pedir a loira em casamento?

– Talvez! Eu acho que ela está grávida!

– O Centro de Arte e Cultura Santa Clara receberá da Prefeitura um repasse mensal no valor de dez mil reais para investir em cursos, palestras e festivais.

Todos comemoraram a notícia.

– Minha nossa, que maravilha, Jonas! – vibrou Dona Amélia num grito espontâneo, abraçando o esposo, sem acreditar no que acabara de ouvir.

– E sabem o que isso significa? Que nossas atividades serão ampliadas e atenderão também às famílias. Isso não é maravilhoso, gente?

– Jonas, querido, como estou feliz por você e seus colegas! Eu sabia que você iria longe! – disse a diretora dando-lhe um forte abraço.

– Muito obrigado pelo incentivo e apoio de sempre. Se não fosse a senhora, talvez eu não teria aceitado aquele emprego. Obrigado por ter sempre acreditado em mim – disse ele, agradecido.

Aos poucos, o ambiente ia se esvaziando, restando apenas os organizadores da festa.

– Obrigado, amor, pela ajuda. Minha bela apresentadora – disse Jonas, dando um beijo em Larissa. Jean interrompeu.

– Vamos trabalhar, né, Jonas, depois vocês namoram.

– Os dois riem.

– Galera, é o seguinte, se vocês quiserem poderão dormir todos aqui. Temos quartos suficientes. Amanhã cedo a gente arruma tudo! Pode ser?

– É uma ótima ideia! – comemorou Alan olhando para Larissa. Todos adoraram a proposta de Jonas.

– Pessoal, minha mãe tá chamando todo mundo pra tomar um chá com biscoito. Quando minha mãe diz que é um chá, na verdade é um banquete – brincou Jean.

– Vão lá que nós dois vamos ficar aqui mais um pouquinho, certo, Jean? – disse Jonas, brincando.

– Sem privilégio, seu engraçadinho! – alertou Jean. – Ela chamou foi todo mundo.

Jonas deu um sorriso e uma piscada para a namorada, e seguiu os outros para a cozinha.

## CAPÍTULO XIII



### Surpresas da vida

---

NO DIA ANTERIOR AO SEU ANIVERSÁRIO, Jonas foi dormir triste e pensativo. Ele recordou que seria seu primeiro aniversário sem o sorriso de sua querida avó. Mas no dia seguinte teve uma grande surpresa.

– Fecha os olhos, fecha os olhos! – dizia Jean segurando no braço do aniversariante.

– Pronto, agora pode abrir.

Larissa e todos os seus amigos o esperavam na cozinha, ao redor de uma mesa repleta de comidas e vários presentes. Eles começaram a cantar parabéns. Jonas se emocionou.

– Olha, dizem que homem que é homem não chora, viu! – brincou Alan.

– Tá certo, seu palhaço! A lágrima é o não dito das palavras!

– Hum, além de chorão virou poeta agora, foi? – perguntou Alan.

– Mas, deixando de lado a emoção... Muito obrigado, galera! Confesso que não esperava tudo isso!

– Mas a culpa disso tudo é dela! – Alan apontou para Larissa, toda feliz em preparar a primeira festa surpresa para o namorado.

– Ah, é? Então venha aqui pra eu lhe agradecer – Jonas pegou Larissa pelo braço e deu-lhe um demorado beijo.

– Fecha os olhos, Jean! – disse Nina colocando a mão nos olhos do filho, causando risos.

– Pessoal, é o seguinte – Bárbara interrompeu –, nós preparamos uma mensagem para o Jonas. Vai, Ademir!

*Jonas, poderíamos começar esta mensagem destacando várias de suas qualidades. Mas achamos que a tornaria cansativa. Por isso, queremos destacar apenas duas: o líder e o sonhador. Não sei se você já se deu conta, mas você é uma daquelas pessoas que têm o poder de cativar as pessoas e fazê-las descobrir o melhor de si. De fazer refletir sobre os valores da vida e encorajar todos à sua volta. É uma espécie de dom que a natureza confiou a poucos, o dom de tornar o outro importante, de fazer com que o outro acredite mais em si mesmo e descubra suas qualidades mais profundas. Por isso, Jonas, não perca nunca essa capacidade de ser para o outro. Falar do Jonas sonhador é falar de todos nós. Sim, pois como você mesmo costuma dizer, “triste é sonhar sozinho!”. E nós te agradecemos por isso. Você nos ensinou, desde que começamos a estudar juntos, que todos precisamos um do outro, e que sozinhos não chegamos a lugar algum. Mesmo na dor, você nos deu uma grande lição de*

*fortaleza. Por isso, Jonas, queremos estar juntos, não apenas nos projetos e sonhos, mas na vida, no afeto e nas suas maiores conquistas. Estamos aqui pra caminhar contigo. Felicidades!*

– Nossa, valeu, galera. Isso é que é poético! – disse ele brincando.

– Agora, gente, posso falar mais uma coisa? – Ademir queria fazer seu agradecimento pessoal. – Não é querendo ser especial ou diferente, mas gostaria de aproveitar esse momento e dizer ao Jonas uma coisa que eu nunca tive coragem de dizer. Na verdade, é um desabafo e um agradecimento ao mesmo tempo

Todos silenciaram. Ele continuou.

– Poucos do terceiro ano sabem quem eu sou, mas Jonas, Jonas sabe muito de mim. Nós éramos trinta e cinco na nossa turma, e todos me olhavam com indiferença e julgavam meu comportamento. Mas ninguém nunca chegou pra mim pra perguntar o que acontecia comigo, como era minha família. Interessante que Jonas, mesmo eu o tratando com indiferença e rispidez, se interessou pela minha história e procurou saber quem eu realmente era. E se tem uma coisa que nunca vou esquecer foi quando ele me disse que tudo o que fazemos na vida tem relação com a forma de olhar para a nossa história pessoal. A partir daquele dia, eu passei a me amar e a aceitar tudo o que eu vivi, sobretudo as perdas e sofrimentos. Obrigado, Jonas, por fazer mudar em mim uma única coisa, a minha forma de olhar.

Todos ficaram emocionados com as palavras de Ademir. Jonas o abraçou forte. Alan tentou disfarçar as lágrimas e sugeriu que Jonas fizesse um discurso.

– Agora falta o aniversariante, vocês não acham?

– Nossa, depois dessas palavras, não sei nem o que dizer.

Após uma pequena pausa, ele continuou.

– Ontem antes de deitar eu pensava... Talvez eu tenha tudo o que muitos jovens na minha idade gostariam de ter. Um bom emprego, passar no vestibular, ter amigos em quem confiar e, claro, uma namorada psicóloga.

Os outros riram.

– E ainda por cima, bonita, né? – disse Alan com os braços cruzados e se fazendo de sério.

– Eu sei que ela é bonita, seu gaiato – disse Jonas beijando o rosto dela.

– Então, com tudo isso, não desejo mais nada, apenas que eu consiga fazer outras pessoas felizes. Eu só quero viver e poder fazer as melhores escolhas da vida. Nada mais que isso! – disse ele com um largo sorriso.

Todos fizeram fila para o abraço de parabéns.

– Jean, não vai pegar o celular pra tirar um tal de *selfie*? – sugeriu Nina soltando uma gargalhada.

– Ah, é mesmo, né, mãe! – Jean correu e pega o celular enquanto todos se posicionaram para a foto.

– Agora vamos comer, né, antes que apareça mais alguém pra dar depoimento – disse Alan.

Depois da festa, Jonas ficou sozinho com Larissa.

– Muito obrigado, amor! Você como sempre me surpreendendo. Fiquei muito feliz com a festa.

– Não precisa agradecer, meu bem! Você é especial pra mim e merece muito mais.

– Jonas, toma aqui.

Nina entregou-lhe um envelope.

– Uma carta? – pergunta Larissa.

– Ah, sim!

Jonas tentou disfarçar, pois gostava de ler as cartas de sua avó sempre sozinho.

– Você não vai abrir? – perguntou Larissa.

– Não, não. Depois eu leio.

– Deve ser de alguma admiradora – disse ela, irritada.

– Se quiser, eu vou embora pra você poder ler sua cartinha!

– Não se preocupe, não é de nenhuma admiradora.

– Então por que esse mistério todo? – disse, enciumada.

– Aliás, é sim, é de uma grande admiradora.

Larissa tentou se levantar do sofá, mas Jonas a segurou pela mão.

– Pegue! Leia você mesma!

– Tem certeza? – ela perguntou.

– Pode abrir. Leia!

– Uma carta de sua avó? – ela perguntou, assustada.

– Sim. Depois que ela se foi eu sempre recebo cartas dela.



– Nossa! Mas com quem ela deixou essas cartas?

– Eu também não sei. Parei de tentar descobrir. Mas isso não importa – disse ele.

– Tem certeza de que quer que eu leia, ou você prefere ler sozinho depois?

– Não, amor, pode ler.

Ela abriu o envelope.

*Meu querido Jonas! Às vezes me pego pensando como teriam sido os últimos anos de minha vida sem você. Eu não teria suportado a vida sem sua companhia. Depois que seu avô morreu, você foi a coisa mais importante que me aconteceu na vida. Sabe, meu anjo, acho que está na hora de você saber a verdade sobre seus pais. E eu espero que você me entenda e me perdoe!*

Larissa fez uma pausa e olhou para Jonas. Ele acenou para que ela prosseguisse com a leitura.

*Sabe aquele dia que voltávamos da Igreja e você me perguntou sobre seu pai? Então! Eu disse que ele havia morrido num acidente. Você ficou tristinho! Aquilo foi de cortar meu coração. Mas não era verdade! Não houve acidente nenhum. Como você já sabe, sua mãe morreu após lhe dar a vida. Ainda me lembro de suas últimas palavras: “Cuide dele como se fosse seu e, pelo amor que você me tem, nunca permita que o pai dele o roube de você”. Eu não entendi por que ela não queria que*

*você conhecesse seu pai. Depois eu soube que foi porque ele não quis se casar com ela. E isso a deixou com muita raiva dele. Mas eu resolvi guardar esse segredo em respeito a ela. Eu tive muito medo de perder você. Por isso, inventei a história do acidente. E seu pai nunca soube que teve um filho. Ele e eu nos conhecíamos de vista, mas ele não sabia que Luciana era minha filha. E tão pouco sabia que ela havia ficado grávida dele. Muitas vezes eu pensava comigo se estava sendo injusta com você. Afinal, eu sabia que seu pai era um homem rico e que poderia ter lhe dado uma vida diferente. Meu menino, me perdoe por ter escondido durante todos esses anos que você é filho do prefeito, sim, seu pai é o Dr. Alfredo.*

Jonas era só silêncio. Ele estava pasmo com o que acabara de descobrir. Larissa foi até a cozinha pegar um copo com água para ele. Depois de tomar uns dois goles, ele pegou a carta das mãos dela e continuou a leitura em silêncio. A carta terminava com as seguintes palavras:

*Filhinho, você é livre para decidir o que fazer com essa notícia. Faça a melhor escolha! Mais uma vez, eu lhe peço, entenda o coração da sua avó. Você era a única coisa especial que eu tinha na vida. Te amo!*

*Um beijo, meu neto querido,  
Clara Helenna*



Dobrando a carta, Jonas olhou fixo para Larissa e disse:

– Eu não sei o que fazer!

– Um momento, Jonas!

– Alô! Oi, Dra. Beatriz! O que houve, por que a senhora está chorando?

– Querida, você e o Jonas precisam vir agora para o hospital.

– Tenha calma, estamos indo!

– Jonas, acho que aconteceu o pior. Ela estava chorando muito. Precisamos ajudá-la!

– Eu vou com você, mas, por favor, não comente nada com ela.

– Tudo bem, não se preocupe, depois a gente pensa no que fazer!

Jonas guardou a carta no bolso e os dois saíram rumo ao hospital.

– Queridos, obrigado por terem vindo! – disse a primeira-dama, aflita. – Os médicos disseram que o estado dele piorou e que só um milagre.

As duas se abraçaram. Jonas chamou Larissa à parte.

– Preciso que você dê um jeito de levar a Dra. Beatriz para casa. Tive uma ideia, mas preciso ficar a sós com o Dr. Alfredo.

– Tudo bem, pode deixar. Vou tentar convencê-la sem contar nada.

Jonas ficou sozinho com ele. Mesmo sem ter certeza se sua ideia adiantaria muita coisa, Jonas decidiu ler a carta

em voz alta para o pai. Dr. Alfredo não demonstrava nenhuma reação. Jonas leu outra vez a carta, e nada.

– Dr. Alfredo, eu sou seu filho – repetiu diversas vezes.

– Sou filho da Luciana, o senhor lembra dela?

Tentativa vã. Jonas se cansou de tentar e dormiu sentado na cadeira, segurando a mão do pai. No dia seguinte, a surpresa.

– Ele está reagindo! – disse o médico chamando a enfermeira.

– Ainda está em estado confuso de consciência, mas já é um avanço milagroso!

Jonas ligou para Larissa, muito feliz pelo que aconteceu.

– O médico disse que ele está reagindo e que está fora de perigo!

– Mesmo? Que alegria, meu amor! Estamos indo agora!

Jonas sentou-se ao lado de uma senhora de cabelos brancos na capela do hospital. Ele começou a se lembrar de sua avó. Olhando para aquela senhora, pôs-se a pensar nos conselhos e nos momentos felizes ao lado de sua avó.

– A vida é como uma vela que se acende e vai queimando aos poucos. Mas a gente nunca sabe ao certo quando essa luz vai apagar. E como não sabemos a hora do último adeus, deveríamos viver com máxima plenitude cada momento da vida. Vó Clara tinha razão quando dizia que o segredo do fim é saber morrer aos poucos. Cada dor, cada perda e cada ausência não são, em si, um pequeno ensaio para a vida?

## Jonas: sonhos e descobertas

Cada pessoa que vemos partir não deveria despertar em nós o desejo de sentido? Sim, a vida não é nem curta nem longa, ela é suficiente. Se soubermos aproveitá-la hoje, no fim de tudo, nosso adeus não será de lamento, mas de gratidão por ter amado e vivido do jeito certo. E qual é o jeito certo? Felizmente, para a vida, assim como para o amor, não há receitas prontas. E aqueles que tentam seguir caminhos prontos já percorridos por outros estão abrindo mão de escrever sua própria história. Precisamos arriscar todos os dias, sem esperar que alguém nos traga uma receita pronta. Precisamos aprender a domar os nossos medos e encarar as incertezas. Não há nada mais gratificante que descobrir que a vida esconde um sentido. Mas esse sentido não está em um lugar do caminho, está na busca, está na coragem de viver plenamente cada sonho e cada descoberta da vida.